

**DENISE NEVES DE FREITAS**

**Turismo: uma ferramenta pedagógica da educação ambiental**

Orientadora: Maricê Thereza C. Domingues Heubel

Monografia apresentada para obtenção  
do grau de Bacharel em Turismo

**BAURU – 2005**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me direcionou a fazer o curso de Turismo e, durante esses cinco anos e meio, renovou minhas forças para que eu pudesse chegar até aqui. Por isso, toda honra e toda glória pertence a Ele.

A minha mãe, que a mais de quatorze anos tem sido mãe e pai, financiadora dos meus sonhos, amiga, companheira e até universitária, pois viveu intensamente todos os trabalhos, provas, seminários, que aconteceram no decorrer do curso. Você é o meu maior exemplo de vida!

Ao meu irmão, por me ajudar nas dificuldades com a informática, tirando todas as minhas dúvidas e dispondo do seu computador durante meses para o desenvolvimento da monografia. E também, por todos os risos, por todas as brincadeiras, nos momentos mais tensos.

Ao meu marido, que esteve ao meu lado durante o curso todo; que aturou todos os nervosismos em decorrência de provas, de trabalhos; que assumiu, sozinho, todas as despesas de nossa casa, quando tive que abrir mão do meu emprego para concluir a universidade; que me deu forças para superar diversos medos, diversas perdas que ocorrem nos últimos meses. Eu te amo muito!

A professora Maricê, que além de me ensinar muitas coisas nesses um ano e meio ao meu lado, foi companheira nos momentos mais difíceis, foi exigente nas horas de desânimo, enfim, pela sua dedicação e amizade é que consegui chegar até aqui. Você já está no meu coração!

A professora Eveline, por todas as orientações numa área até então desconhecida, a Pedagogia. Minha admiração por todo o seu profissionalismo e carinho quando ao estar com seu pai enfermo, não deixou de me auxiliar.

A minha amiga Marina Justamante, que nos últimos meses esteve presente em todos os momentos, me ouvindo, me aconselhando, enfim, sendo o ombro amigo muito valioso.

A todas as instituições que abordei em meu trabalho, por toda a atenção, por compartilhar de valiosas informações, que possibilitaram o desenvolvimento do tema abordado neste trabalho. Que Deus os abençoe em dobro por tudo.

*Em nome de um progresso que nunca vem,  
em nome de criação de empregos que nunca bastam,  
arrebentamos com a natureza em todo o planeta,  
poluímos a água que bebemos,  
o ar que respiramos,  
a nossa comida,  
o nosso solo,  
devastamos florestas,  
aniquilamos povos indígenas,  
extinguimos espécies,  
ameaçamos o futuro dos nossos descendentes...  
Para que?*

Genebaldo Freire Dias

## SUMÁRIO

### LISTA DE FIGURAS

### RESUMO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
	1.1 A atividade turística.....	10
	1.2 O turismo como ferramenta pedagógica ou “turismo pedagógico”.....	13
	1.3 O papel da educação.....	14
	1.4 A educação infantil.....	16
	1.5 A educação ambiental.....	19
	1.6 Formação de professores, um elemento importante para o desenvolvimento da educação ambiental.....	23
<b>2</b>	<b>OBJETIVO(S).....</b>	<b>26</b>
	2.1 Geral.....	26
	2.2 Específicos.....	26
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>28</b>
	3.1 Tipos de pesquisa.....	28
	3.2 Coleta e apresentação dos dados.....	28
<b>4</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>31</b>
	4.1 A Creche Casa da Criança Madre Maria Theodora Voiron.....	31
	4.2 O Parque Zoológico Municipal de Bauru.....	34
	4.2.1 Infra – estrutura e funções.....	34
	4.2.2 Acompanhamento de visita.....	37
	4.3 A Estação Experimental de Bauru – Horto Florestal.....	38
	4.3.1 Infra – estrutura e funções.....	38
	4.3.2 Acompanhamento de visita monitorada.....	40
	4.4 O Jardim Botânico de Bauru.....	40
	4.4.1 Infra – estrutura e funções.....	40
	4.4.2 Acompanhamento de visita monitorada.....	42
<b>5</b>	<b>DISCUSSÕES.....</b>	<b>45</b>
	5.1 A creche.....	45
	5.2 As instituições bauruenses e as visitas.....	46
<b>6</b>	<b>PROPOSTAS E SUGESTÕES.....</b>	<b>49</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>58</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Creche Casa da Criança Madre Maria Theodora Voiron.....	31
Figura 2 – Animais do Parque Zoológico Municipal de Bauru.....	34
Figura 3 – O Horto Florestal de Bauru.....	39
Figura 4 – O orquidário do Jardim Botânico Municipal de Bauru.....	41
Figura 5 – O anfiteatro do Jardim Botânico Municipal de Bauru.....	41

## RESUMO

Levando – se em consideração a problemática situação do mundo atual em relação à contínua destruição dos recursos naturais do planeta e a crescente produção de poluentes, verificou – se a necessidade de desenvolver de maneira pedagógica um conjunto de ações na área educacional, a longo prazo e com sustentabilidade, que vão desde a proposição teórica e conceitual até a aplicação prática, envolvendo a sociedade em geral, mas de forma especial à escola de educação infantil. Essas ações, baseadas em conceituações de educação ambiental, utilizarão o turismo ecológico em espaços naturais da cidade de Bauru, para que a temática da preservação da natureza seja trabalhada no total, possibilitando uma certeza maior de sucesso de aprendizagem a respeito dessa preservação.

**Palavras – chave:** ações pedagógicas, educação infantil, educação ambiental, turismo, preservação.

## *INTRODUÇÃO*

# 1 INTRODUÇÃO

A contínua destruição dos recursos naturais do planeta e a crescente produção de poluentes vêm ano após ano levando o mundo a uma problemática ambiental, que afeta tanto grandes nações como também o cidadão comum e faz com que todos reflitam, que caminho devem seguir, como agir, mas principalmente, como as pequenas indagações e simples pensamentos como “o que devo fazer?”, “o que não fiz?”, e “eu não posso mais fazer nada”, têm uma influência direta sobre as nossas vidas.

Entretanto, Molina (2001, p. 29) demonstra como é que inserimos no nosso dia a dia essa idéia de não conservação da natureza, quando cita que:

(...) a sociedade tecnológica é regida por valores e códigos tecnológicos, sobrepostos aos humanos, com uma racionalidade que só é gratificante em termos de avanço científico e tecnológico e, em segundo lugar, da perspectiva humana. É preciso insistir nessa análise para descobrir, entender e explicar o problema da poluição ambiental. É a racionalidade científica e tecnológica que provoca o crescente esgotamento dos recursos naturais, uma racionalidade ligada ao interesse do capital.

Os modelos de desenvolvimento ou de crescimento econômico têm estressado e saqueado a natureza, exigindo, cada vez mais, produção e competição. O ideal é que cada localidade pense um modelo de desenvolvimento local.

De acordo com Xavier (2002, p. 72), algumas considerações são importantes:

(...) o homem moderno vem causando modificações diversificadas para atender às suas necessidades do momento, nem sempre com preocupações quanto ao futuro. O homem é, por excelência, imediatista, e modo de produção, no qual se encontra inserido, tem objetivos ainda mais imediatos.

A conservação desses recursos naturais é imprescindível para se manter a vida e satisfazer as necessidades de consumo de nossa geração e das que virão.

Segundo Sung e Silva (1995 apud CORIOLANO, 2002, p. 41), têm – se clareza que:

(...) as tecnologias até hoje empregadas têm sido adequadas ao objetivo a que a sociedade capitalista se propõe: obter lucros cada vez maiores. A questão, portanto, não é a falta de tecnologias alternativas, mas em que direção deve caminhar o sistema produtivo. Sem uma mudança nesse objetivo as tecnologias ecológicas jamais serão utilizadas.

Pensando na resolução desses problemas ambientais gerados pelo homem moderno em favor somente da lucratividade, é necessário um conjunto de ações na área educacional, a longo prazo e com sustentabilidade, que vão desde a proposição teórica e conceitual até a aplicação prática, envolvendo a sociedade em geral, mas de forma especial à escola, em



grupos interdisciplinadores e multiprofissionais, para que a temática da preservação da natureza seja trabalhada no total, possibilitando uma certeza maior de sucesso.

E é nesse contexto que surge o turismo como um aliado, uma ferramenta pedagógica – educacional, na abordagem da Educação Ambiental (EA). Suas características tais como preponderância do homem sobre as máquinas, menor dano à ecologia, menor nível de investimento para a criação de empregos, envolvimento direto e indireto com a educação, colocam – no em nível diferente dos outros setores da economia para o começo de uma virada decisiva e histórica, possível de ser transmitida aos demais setores econômicos. “Hoje em dia, na dura luta contra as diversas formas de poluição, o turismo se encontra em condições ideais de assumir uma posição de vanguarda que a combata efetivamente para, mediante seu exemplo, abrir um amplo caminho para o futuro”, cita Molina (2001, p. 62).

Mas por que devemos trabalhar a EA?

Porque, além de ser extremamente importante no contexto histórico atual, seu ensino contribui principalmente para o exercício da cidadania, estimulando a mudança de comportamento através da relação humana com o ambiente, feito de modo responsável, autônomo e democrático e, assim, possibilitando a construção de novos valores éticos.

A solução para o desenvolvimento da conservação e preservação exige a participação de todos e a EA procura alcançar a sensibilidade e conscientização da população em geral sobre os problemas ambientais. Ao tomarmos consciência sobre a gravidade dos problemas ambientais é possível começar a repensar sobre os mesmos.

Levando-se em consideração todos os problemas existentes no mundo citados anteriormente, há necessidade de oferecer às crianças atividades educativas que as levem a adquirir uma postura mais consciente e responsável. As mesmas, que estão em fase de desenvolvimento psíquico – social, são vulneráveis a qualquer influência externa. Cabe, portanto, a instituição escolar e também aos estudantes universitários, atuar como promotores da educação ambiental e social, auxiliando no processo da reversão do quadro atual.

Assim sendo, durante a graduação na Universidade do Sagrado Coração de Bauru (SP), no decorrer da disciplina de Programas de Cidadania, uma equipe interdisciplinar e multiprofissional esteve durante nove semanas, na Creche Casa da Criança “Madre Maria Theodora Voiron”, desenvolvendo atividades lúdicas sobre o meio ambiente no espaço já existente como horta, quiosque, área de lazer com árvores e terra, com um grupo de 20 crianças na idade de 5 a 6 anos. Por meio dessa experiência, pôde levantar uma carência de atividades práticas em educação ambiental e de maior contato com a natureza. Para tanto, o presente trabalho estará elaborando um roteiro educativo de visitação ecológica para alunos

da educação infantil no Jardim Botânico Municipal de Bauru, Parque Zoológico Municipal de Bauru e Estação Experimental de Bauru (Horto Florestal); e uma explanação para as professoras dessa instituição sobre uma cartilha que terá conceitos e atividades sobre ecologia e turismo, e que a mesma poderá ser utilizada como um complemento no cronograma escolar.

Para compreender a relação entre turismo e pedagogia, realizamos uma fundamentação teórica a seguir, a fim de explorar temas como: atividade turística, o turismo como ferramenta pedagógica ou “turismo pedagógico”, o papel da educação infantil, a educação ambiental e a importância da formação de professores em educação ambiental.

### 1.1 A atividade turística

O momento atual em que vivemos é chamado por muitos de pós – industrial e prioriza, sobretudo, os serviços e o consumo, e dentre essas várias formas de serviço do mundo moderno, o turismo é um dos que se apresenta com maior destaque, com imenso espaço para a produção, envolvendo um grande número de indivíduos, de idéias, de capitais e, sobretudo, de sonhos, de emoções, de magias e ilusões.

Nos últimos anos, o turismo tem contribuído de forma significativa para o desenvolvimento econômico, social e cultural de um grande número de países, que têm buscado nessa atividade conhecimento, lucratividade, mas acima de tudo recuperação e mudança da natureza, apreciação e descanso em belos cenários da natureza.

Segundo Coriolano (2002, p. 35), a emergência do turismo pode ser explicada:

(...) pela necessidade do ócio e pela expansão do mercado, que acaba criando novas mercadorias e novas necessidades, direcionadas ao tempo livre e ao lazer. O turismo é uma forma moderna de lazer. Contudo, essa atividade poderá vir a ser uma atividade de sustentação de um novo modelo de desenvolvimento, ou de um desenvolvimento alternativo.

Mas, o que vem a ser essa nova idéia de lazer do mundo moderno chamado turismo?

De acordo com De la Torre (1992 apud BARRETO, 1995, p. 13), podemos definir o turismo como:

(...) um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter – relações de importância social, econômica e cultural...

Essas múltiplas inter – relações fazem com que o turismo seja uma atividade multidisciplinar – variedade de áreas de conhecimento – e interdisciplinar – todas essas áreas

devem estar ligadas, o que possibilita o envolvimento de profissionais de turismo junto a outras áreas.

Já Acerenza (2002, p. 57) conclui que o turismo é:

(...) uma forma particular de uso do tempo livre, uma forma especial de recreação e não inclui, portanto, todas as formas possíveis de uso do tempo livre nem todas as formas possíveis de recreação. É, essencialmente, uma atividade relacionada com a educação, o prazer, o descanso e a recreação...

Mas, independente da forma como essa atividade venha a se desenvolver dentro de uma localidade, tem que cumprir os princípios básicos que são, segundo Beni (2002, p. 36), “a proteção, a conservação e a preservação dos recursos naturais; a preservação dos hábitos e costumes da sociedade local; a inclusão da população local nos processos de planejamento e execução do turismo, a interiorização das atividades e parcerias”.

Portanto, podemos dizer que Almeida Junior (1993 apud SERRANO; BRUHNS, 1997, p. 27) estava correto em afirmar que “o turismo é uma das atividades econômicas visivelmente influenciadas pela tentativa de elaboração de novos parâmetros que conceitualizem desenvolvimento como processo” ecologicamente viável e socialmente justo, “em termos das gerações presentes e futuras”.

Pensando em tudo isso, surge dentro da totalidade da atividade turística, um tipo de segmentação de mercado chamado de ecoturismo ou lazer em contato com a natureza, que traz consigo uma proposta conservacionista, pois é um tipo de turismo que passa a ter cuidados com a natureza e busca, acima de tudo, uma melhor qualidade de vida para o homem e o meio ambiente.

Além disso, faz – se necessário que o desenvolvimento do turismo seja feito de forma planejada, harmoniosa e que busque, sobremaneira, um equilíbrio com o meio ambiente, pois senão ela comprometerá sua própria existência, já que um de seus principais produtos é o próprio meio ambiente.

Já Beni (2002, p. 33 e 34) cita o turismo ecológico como “o deslocamento de pessoas para espaços naturais, com ou sem equipamentos receptivos, motivados pelo desejo/necessidade de fruição da natureza, observação passiva da flora, da fauna, da paisagem e dos aspectos cênicos do entorno”.

Inclui aqui pessoas que buscam uma observação participante e interativa com o meio natural, na prática de caça, pesca, caminhadas, escaladas, desbravamentos, aberturas de trilhas, *rafting*, *canyoning*, *off road*, *rapel*.

E acrescenta que “(...) ainda que haja uma preocupação em educar e em conscientizar em relação ao ambiente, a característica dominante é uma maior flexibilidade ou a inexistência de restrições rígidas e de limites à utilização do espaço visitado”.

Já ecoturismo, segundo Beni (2002, p. 34), é “a denominação dada ao deslocamento de pessoas para espaços naturais delimitados e protegidos pelo Estado ou controlados em parcerias com associações locais e ONGs”.

É claro que todas as atividades previstas no turismo ecológico podem, em geral, ser realizadas, desde que rigorosamente observadas as restrições de uso desses espaços.

Já para Coriolano (2002, p. 51), o ecoturismo é:

(...) um tipo de turismo desenvolvido em localidades de grande potencial ecológico, de forma preservacionista, procurando conciliar a exploração do turismo com o meio ambiente ou harmonizando atividades de lazer com a natureza... Conservar é usar racionalmente, é proteger. Preservar é não usar o recurso, é a proteção total. No ecoturismo, deve haver além da conservação, essa proteção, o que equivale a apenas contemplar e observar a natureza.

O mesmo autor ainda afirma que o ecoturismo oferece ao homem uma alternativa mais autêntica de resposta à suas necessidades e expectativas, ou seja, uma experiência responsável, significativa e formativa e de grande significado, por ser capaz de enriquecer a existência humana.

No ecoturismo o visitante tem a oportunidade de um contato direto com a natureza para uma interpretação ambiental, podendo observar os fenômenos dessa natureza e também recupera o sentimento perdido de também pertencer à natureza. Então, abandona a idéia de dominar a natureza e assume a postura de se integrar a ela, vivenciando, portanto, uma prática ecológica de interação com a natureza.

Para Meirelles Filho (2002, p. 27), a beleza do ecoturismo está “em seu caráter multifacetado, multiadaptável (...). É o conjunto de ferramentas aceitável na aliança entre conservação da natureza, valorização na cultura local e promoção do desenvolvimento econômico”.

Já Cascino (1998 apud ANSARAH, 2001, p. 231) cita que:

(...) o contato com a natureza é sempre uma ruptura. Sentir medo do horizonte, da altura, da profundidade, do vento, do frio, do sol escaldante, do mato fechado, do barulho dos insetos, da precariedade e do desconforto remete – se a rompimentos com nossos comportamentos mais “assentados”. E essas rupturas abrem “brechas” para a introdução/construção de novas leituras/discursos sobre o que somos, o que gostamos, o que acreditamos. Romper com formas consagradas de falar, ver e sentir é um caminho saudável de construir o novo. E o novo só aparece quando se lhe dá espaço. Forçar rupturas enfrentando voluntariamente situações inesperadas fundamenta mudanças.

Portanto, essa forma de turismo gera grandes benefícios, já que o mesmo, além de possibilitar que o homem adquira lucros por meio desse turismo, do ponto de vista dele como um produto, também valoriza a preservação e contato com a natureza, por meio do reencontro do homem consigo mesmo e de suas “raízes” naturalistas, momentos esses muitas vezes deixados de lado com toda a modernização industrial e a grande urbanização do tempo atual.

E pensando em todo esse envolvimento dessa segmentação do turismo com o meio ambiente, surge o turismo como um aliado, pois além de recurso pedagógico – educacional e no âmbito da Educação Ambiental (EA), proporciona menor dano à ecologia e um efeito multiplicador.

A EA deve ser parceira do turismo, não somente para o desenvolvimento de um novo modo de se educar, mas sim como uma alternativa na busca da melhoria da qualidade de vida do homem e como um caminho no sentido de vislumbrar um turismo durável, como salienta Xavier (2002, p. 81).

## 1.2 O turismo como ferramenta pedagógica ou “turismo pedagógico”

O turismo e o meio ambiente, seja natural ou construído pelo homem, estão intrinsecamente ligados, pois sem um ambiente atrativo, o turismo não florescerá e conseguirá manter – se a longo prazo.

Mas o turismo pode ser visto como um novo modelo de desenvolvimento na sociedade, já que o mesmo dispõe de motivos para essa afirmação, como cita Coriolano (2002, p. 35 – 36) :

(...) o crescente número de pessoas incorporadas às atividades econômicas do tempo livre e do lazer; o volume de recursos que o turismo pode carrear para os núcleos receptores; a necessidade de proteção dos patrimônios natural e cultural e as bases educativas necessárias para sustentar e desenvolver o setor, que termina por desencadear um processo socioeducacional nas áreas visitadas.

Além disso, o turismo abre espaço para o uso da liberdade, da criatividade, do intercâmbio de idéias e experiências existenciais, e também, serve de veículo de transmissão de mensagens transformadoras num mundo tenso e angustiado.

Portanto, o turismo que não se firmar em bases educativas, de conservação da natureza e das culturas está condenado a ser desprestigiado e até desaparecer. E o turismo pedagógico possui essas características.

Mas o que vem a ser essa modalidade do turismo?

O turismo pedagógico é uma modalidade relativamente recente no Brasil, quando comparado a outros tipos tradicionais de turismo.

Sua preocupação básica centra-se na melhor maneira de conduzir a atividade educativa, de forma a alcançar finalidades pedagógicas, por meio da experiência turística (EDUCAÇÃO NO TURISMO, 2004).

Ele se apresenta como uma possibilidade de tornar o conhecimento pertinente, contextualizado e real. A viagem ou passeio é o elemento motivador para dar encanto à educação. No Turismo Pedagógico os diversos saberes e realidades são articulados como necessidade de conhecer e reconhecer os problemas do mundo, em um ambiente de divertimento e prazeres (EDUCAÇÃO NO TURISMO, 2004).

Trata-se de uma das atividades que mais se harmonizam ao conceito de turismo sustentável, uma vez que sua motivação é puramente educativa, e a educação ambiental é praticada nas três dimensões: conceituais, procedimentais e atitudinais. Além do mais, conhecendo localidades da sua região ou do seu país, o aluno/turista passa a desenvolver um sentimento de valorização e conservação dos patrimônios sociais, culturais e ambientais das comunidades, o que torna possível o desenvolvimento do turismo sustentável (EDUCAÇÃO NO TURISMO, 2004).

Com tudo isso pode – se entender que o turismo, analisado por uma ótica pedagógica, tem por objetivo a divulgação das potencialidades turísticas e o desenvolvimento de um processo educacional que traga aos estudantes uma reflexão sobre a questão do turismo, mas de forma didática, pedagógica, social, comercial, histórica, cultural, ambiental e, até mesmo, econômica e financeira.

Essa segmentação turística será, na maioria das vezes, uma das poucas chances de se fazer turismo para os estudantes envolvidos na atividade pedagógica. Portanto, além de melhorar a aprendizagem do conteúdo educacional, essa segmentação trará desenvolvimento para o próprio turismo local.

### 1.3 O papel da educação

Etimologicamente, educar significa restituir ou propiciar o desenvolvimento daquilo que o indivíduo já tem potencialmente em si, e não simplesmente ensinar como devem ser, e sim, propiciar ou favorecer o seu potencial, cita Matsushima (1992, p. 92).

Já antropologicamente, educação é um processo de socialização por meio do qual o indivíduo humano adquire os valores, as atitudes e os comportamentos de sua sociedade e de

sua cultura. E ao adquirir, assim, uma personalidade e uma cultura, a pessoa pode apreender, também, a noção de que a sociedade e a cultura são tanto mantidas como passíveis de serem transformadas no espaço e no tempo, por meio da socialização do conhecimento a partir de seus membros. Quando isso ocorre, a educação alcança o seu papel maior, que é o de transcender sua função meramente reprodutiva, em favor da função criativa (ALMEIDA JUNIOR, 1992, p. 71).

A educação sempre foi uma importante forma de crescimento pessoal e social, apesar do pouco estímulo fornecido por alguns governos. É por meio do acesso a essa educação pelo povo que sabemos da potencialidade de um país. Almeida Junior (1992, p. 71) salienta:

(...) a educação pode ser entendida como um dos mais poderosos instrumentos, paradoxalmente, tanto de estabilização como de mudança das pessoas e da ordem sócio-econômica e cultural. E a educação, nesse sentido, torna-se um processo de intervenção psicossocial eticamente aceitável, porque em princípio, promove os valores de liberdade e de responsabilidade.

A educação no Brasil tem procurado novas estratégias, com o objetivo de tornar os cidadãos mais críticos e responsáveis com o seu país como um todo. Entretanto, muitos problemas são enfrentados pelos educadores em como desenvolver estas estratégias e conhecer de forma diferente os conteúdos, centrados somente no papel do professor como mediador do conhecimento e o aluno como receptor do mesmo, além de resumir essa troca somente em sala de aula, e não com interação no meio ambiente.

(...) é incumbência da educação e formação, como o meio fundamental de integração e de mudança social e cultural, conceber objetivos e empregar novos métodos capazes de tornar os indivíduos mais conscientes, mais responsáveis e mais preparados para lidar com os desafios de preservação da qualidade do meio ambiente e da vida, no contexto do desenvolvimento sustentado para todos os povos (DIAS, 1992, p. 82).

A escola, instrumento da educação, é composta por professores, alunos, servidores, pelas famílias, que têm acesso a ela, gerando, assim, uma pluralidade de “ideologias”, conseqüência da diversidade de valores culturais, transmitidos dentro da sociedade. Portanto, a escola não é simplesmente veiculadora de uma única idéia de mundo, mas sim um fator de transformação. Fator esse que só será desencadeado se inserido na realidade social, na realidade do país, ou seja, numa realidade global e numa realidade social imediata e específica do grupo de indivíduos ao qual essa escola atende.

Almeida Junior (1992, p. 80) ainda defende que:

(...) a escola ou a educação escolarizada, não visa apenas à mudança de atitudes ou a mudança de valores. A escola não visa a recuperação de um mundo anterior no qual a harmonia social, quem sabe, preexistiu. Essa escola como fator de transformação tem duas características básicas. Uma primeira, na qual a leitura dos fenômenos da sociedade, a leitura da realidade histórica, a aprendizagem da Biologia e a aprendizagem da própria língua materna são formas de apreender aquilo que é a produção da própria sociedade como um todo, aquilo que é acervo que essa sociedade conseguiu produzir, mas não de forma abstrata, é um aprendizado, é uma leitura do biológico, do histórico e da própria língua, enraizado num cotidiano, enraizado numa realidade histórica específica da criança e do jovem ou mesmo do adulto. A outra característica da escola como instrumento de transformação é que ela não pode ser vista, como, aliás, é vista na perspectiva da modernização, como um instrumento isolado da sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser, se ela se quer transformadora, ligada, conectada com outros movimentos na sociedade que têm a mesma perspectiva de transformação...

Portanto, a escola não produz nada de novo sozinha. É preciso que todos os agentes envolvidos interajam com ela.

E, dentro do conceito educacional, enquanto instrumento de transformação, uma importante parte de conhecimento merece ser destacada, ou trabalhada em especial. É a chamada educação ambiental (EA). Esta, necessariamente, estará atrelada à questão de se enxergar um certo efeito no ambiente, gerado pelas ações humanas, como sendo positivo ou negativo. E aí, temos um grande espaço no que diz respeito a valores.

O papel transformador da EA, na escola ou fora dela, em cada realidade em particular, será o de conscientizar as pessoas, sobre os mais variados impactos ambientais, indicando cursos de ações, alertando sobre riscos e implicações, enfim, melhorando a interação entre homem e meio ambiente.

#### 1.4 A educação infantil

Durante muito tempo, a educação da criança foi considerada uma responsabilidade das famílias ou do grupo social que pertencia. Era junto aos adultos e outras crianças com os quais convivia que aprendia a se tornar membro deste grupo, a participar das tradições importantes para ela e a dominar os conhecimentos necessários para a sua sobrevivência material e para enfrentar as exigências da vida adulta.

Por um bom período na história da humanidade, não houve nenhuma instituição responsável por compartilhar esta responsabilidade pela criança com seus pais e com a comunidade da qual faziam parte. Isso permite dizer que a educação infantil, como nós a conhecemos hoje, realizada de forma complementar à família é um fato recente.



Essa modificação da história só foi possível porque também se modificaram na sociedade as maneiras de se pensar o que é ser criança e a importância que foi dada ao momento específico da criança.

De acordo com Bujes (2001, p. 14), “as creches e pré – escolas surgiram depois das escolas e o seu aparecimento tem sido muito associado com o trabalho materno fora do lar, a partir da Revolução Industrial”. Portanto, também acabaram surgindo devido a uma nova estrutura familiar, na qual pai, mãe, filhos passaram a constituir uma nova norma, diferente daquelas famílias que se organizavam de forma ampliada, com vários adultos convivendo num mesmo espaço e centrado na figura materna.

Além disso, no surgimento das creches e pré – escolas, conviveram argumentos que davam importância a uma visão mais otimista da infância e de suas possibilidades, com outros objetivos do tipo corretivo, disciplinar, que viam principalmente nas crianças uma “ameaça” ao progresso e à ordem social.

De modo geral, essas instituições surgiram a partir de mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram na sociedade como: a incorporação da mulher à força de trabalho assalariado, numa nova organização da família, numa nova relação entre os sexos e também devido a conjuntos de novas idéias sobre a infância, sobre o papel da criança na sociedade e de como torná – la, por meio da educação, um indivíduo produtivo e ajustado às exigências desses conjuntos.

O tempo passou, e cada novo conjunto de idéias, organizou – se leis, normas que direcionam o caminho a ser seguido na fase da educação infantil.

Com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ou LDB (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 2004), e nos estudos mais atuais sobre a criança, pode – se afirmar que a educação infantil tem como objetivo contribuir para a formação global e harmônica da criança, propiciando – lhe grande variedade de experiências concretas, selecionadas pelo adulto a partir do conhecimento de suas características e das necessidades de sua idade.

Ainda, segundo Thiessen e Beal (1998, p. 26), pode – se levantar algumas finalidades mais gerais da educação pré – escolar como:

- estimular a integração da criança ao seu meio material e social, oferecendo – lhe a segurança indispensável para a realização de esforços pessoais nesse sentido;
- estimular a descoberta do meio ambiente, garantindo – lhe liberdade de ação para realizar experiência e enfrentar obstáculos mesmo que nem sempre consiga vencê – los;

- desenvolver a criatividade – que exige grande mobilidade de imagens mentais, flexibilidade e disponibilidade para incluir – se em novas estruturas – evitando a dependência da criança em relação ao adulto e aos modelos por ele fornecidos;
- desenvolver o senso crítico, levando a criança a analisar e avaliar os resultados de suas ações; para isso ela não poderá ser submetida aos critérios de julgamento muitas vezes arbitrários do adulto;
- estimular a criança para que reconheça a existência dos outros – colegas e adultos – como seres livres, tanto quanto ela, para agir, imaginar e criticar.

Dentro de todo contexto educacional, citado anteriormente, pretende – se neste trabalho, ressaltar o desenvolvimento intelectual e comportamental dentro de uma faixa etária que compreendida por essa educação infantil, que vai dos 4 aos 6 anos de idade.

Por esse período ser rodeado de curiosidade insaciável e de busca de respostas, ao conviver com elementos da natureza, as crianças enriquecem seu conhecimento por meio da experimentação direta e da aprendizagem real, e por esse caminho, descobrem o mundo e formam conceitos a respeito da relação homem – natureza, cita Thiessen e Beal (1998, p. 161). Daí a importância do desenvolvimento de ensinamentos voltados para EA.

Além disso, tem – se na teoria construtivista de Piaget, um aspecto de destaque, que certifica a importância da interação da criança com o meio ambiente.

Hoffmann (1998, p. 22 – 23), a respeito dessa teoria, comenta que:

A criança constrói o conhecimento na sua interação com o objeto, entendido como o seu próprio corpo, as coisas, as pessoas, os animais, a natureza, os fenômenos do mundo físico em geral. Ao nascer, cada criança apresenta processos internos que lhe possibilitam a aprendizagem, mas que resultam em desenvolvimento a partir, essencial, da sua experiência sobre o meio.

E a mesma autora também ressalta a idéia de Piaget do conhecimento que a criança recebe não é proveniente do estímulo dos professores. Eles não são a fonte desse conhecimento, mas sim que esse estímulo não é estímulo até que a criança aja sobre ele e para isso é preciso que tenha desenvolvido estruturas anteriores necessárias para a interpretação de tal estímulo. Então, o conhecimento se constrói essencialmente na interação do sujeito com o objeto.

Com tudo isso, o professor passa a ser um coordenador. Coordena a organização de atividades de aprendizagem apoiadas em situação – problema do cotidiano do aluno ou criadas por ele, professor.

Nessa visão de desenvolvimento, o estímulo oferecido ao aluno, a atividade planejada pelo professor, não é o ponto de partida. Cada criança tem a sua história e a sua percepção de um objeto. Portanto, cada professor deve planejar sua atividade educativa, seja ela de

qualquer disciplina, baseado nos interesses, necessidades e reações das crianças a cada momento.

Uma aula que se limita a explorar somente o conteúdo teórico por meio da transmissão de informações do professor para os alunos ou que fica restrita à sala de aula não é, definitivamente, uma aula de educação ambiental. A aprendizagem ambiental não admite relações passivas. Precisa ir além da informação e estimular o aluno à prática da pesquisa e ao contato com a comunidade. Ao visitar o mundo real, percebe – se a verdadeira dimensão do problema e a forma como as pessoas vivem.

A partir disso tudo, podemos ter na EA, trabalhada e/ou discutida dentro da educação infantil, não uma nova disciplina, mas um conjunto de atos educacionais que procuram despertar no aluno e, até mesmo, no professor, atitudes conservacionistas, por meio da inserção da variável ambiental nas mais diversas disciplinas do currículo escolar. Esse aspecto vai de encontro ao caráter global do desenvolvimento da criança, o qual exige que as atividades de aprendizagem propostas pelo professor sejam naturalmente integradas entre si e relacionadas não somente com o ambiente da escola, mas também com o entorno, com os espaços comunitários que essas crianças vivenciam.

Lombardo (2000, p. 27) comenta que:

(...) a natureza e o meio têm sido enfatizados como recursos educacionais ao longo da história contemporânea e diversas correntes pedagógicas tem insistido sobre a necessidade de se recorrer a prática e ao estudo do meio como estratégia de aprendizagem e de qualidade de vida. A educação ambiental representa a popularização do problema ambiental, uma vez que a natureza representa o patrimônio cotidiano de toda a humanidade.

Além disso, Perinotto e Zaine (2000, p. 136) defendem que “através deste tipo de educação (EA), a chama da participação do educando em sua própria realidade e no meio que o cerca deve ser acesa e/ou alimentada. A cidadania se expressa na medida em que um se sente participante e ator de sua história pessoal e coletiva”.

Portanto, a EA, como uma parte integrante do universo educacional, vem dentro da educação infantil promover a transformação dos hábitos, do conhecimento destrutivo passado pela geração moderna, tecnológica que essa criança está inserida.

## 1.5 A educação ambiental

De acordo com a lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999, capítulo I, art. 1º (BRASIL, 2004), entende – se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a

coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Para Dias (1999, p. 113 – 114), temos que a EA:

(...) teria como finalidade promover a compreensão da existência e da importância da interdependência econômica, política, social e ecológica da sociedade; proporcionar a todas as pessoas a possibilidade de adquirir conhecimentos, o sentido dos valores, o interesse ativo e as atitudes necessárias para proteger e melhorar a qualidade ambiental; induzir novas formas de conduta nos indivíduos, nos grupos sociais e na sociedade em seu conjunto, tornando – a apta a agir em busca de alternativas de soluções para os seus problemas ambientais, como forma de elevação da sua qualidade de vida.

Portanto, a EA pode ser considerada como um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os possibilitam a agir de forma individual e coletivamente, e assim resolver questões ambientais presentes e futuras.

Aroall e Rankin (1982) dizem que durante milhões de anos conhecemos um mundo, cujos recursos pareciam abundantes o suficiente para tratarmos como ilimitados. Por mais árvores que removêssemos, a natureza as substituiriam sem ajuda. Por mais peixes que pescássemos dos mares e rios, a natureza sempre conseguia purificá-los, como purificava o ar, por mais gases que nele despejássemos. Contudo, chegamos hoje a um ponto onde sabemos que já não restam dúvidas de que um rio pode ser poluído de tal maneira que só um milagre poderá salvá-lo, de que os mares podem ser despovoados devido ao excesso do exercício da pesca, e de que as florestas devem ser poupadas e tratadas se não desejarmos que as mesmas desapareçam, criando assim condições climáticas ainda não conhecidas.

Assim, o papel transformador da educação ambiental, na escola ou fora dela, é o de conscientizar as pessoas, indicando cursos de ação, sobre os riscos e implicações dos diferentes juízos de valores referentes a cada complexo interativo do cidadão com o meio ambiente.

Essa educação terá reflexos favoráveis em todos os elementos, além da educação, necessários ao pleno equacionamento da problemática ambiental e desenvolvimentista, mas também, em inovação tecnológica e ação político – social.

Machado (1999 apud XAVIER 2002, p. 84) faz referência à EA considerando – a como a chave para a sustentabilidade, e ainda, prepara as gerações. Segundo a autora, um país

instruído em termos de meio ambiente terá oportunidade de ser bem – sucedido em seu desenvolvimento.

A temática ambiental está na mídia quase diariamente. Desde a conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente – ECO 92 – na qual pouco mais de 170 países se reuniram para discutir o futuro do planeta e da humanidade, as preocupações acerca das implicações ambientais geradas pela ocupação e pelo uso dos recursos naturais se multiplicaram. Assim como também se multiplicaram alternativas menos agressoras e mais sustentáveis para trabalhar com as questões ambientais visando garantir a qualidade de vida em função da capacidade de suporte dos recursos naturais.

Dez anos depois, em 2002, realizou-se em Joanesburgo um outro evento onde as Nações Unidas e 190 países se reuniram novamente visando encontrar soluções para a degradação do meio ambiente e também avaliar e dar continuidade ao que foi proposto no último encontro, no caso a ECO 92. Dentre as propostas, foi estabelecida a Agenda 21, um plano de ação para ser adotado global, nacional e localmente, por organizações do sistema das Nações Unidas, governos e pela sociedade civil, em todas as áreas em que a ação humana impacta o meio ambiente. Constitui-se na mais abrangente tentativa já realizada de orientar para um novo padrão de desenvolvimento para o século XXI, cujo alicerce é a sinergia da sustentabilidade ambiental, social e econômica, perpassando em todas as suas ações propostas (EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2005).

Porém, nesse último encontro, observou – se que pouca coisa foi feita. Hoje, os desastres são ainda maiores, como animais que estão cada vez mais ameaçados de extinção; florestas, ar e água que estão mais escassos; e a emissão de gás carbônico, responsável pela mudança climática e pelo aquecimento global que cresceu 10%.

De acordo com a Constituição Federal do Brasil, no seu capítulo VI, artigo 225 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 2004), ao consagrar o meio ambiente ecologicamente equilibrado como direito de todos, bem de uso comum e essencial à sadia qualidade de vida, atribuiu a responsabilidade de preservá-lo e defendê-lo não apenas ao Estado, mas, também, à coletividade.

A relação homem – meio ambiente ocorre, principalmente, no contexto do processo de mediação de interesses e conflitos entre “atores” sociais, que agem sobre o meio físico natural, e o construído, aqui entendido como gestão ambiental. Esse processo de mediação define e redefine, continuamente, o modo como os diferentes “atores” sociais, por meio de suas práticas, alteram a qualidade do meio ambiente e também como se distribuem na sociedade os custos e os benefícios decorrentes da ação desses agentes. Entretanto, esses

“atores”, ao tomarem suas decisões, nem sempre levam em conta os interesses e as necessidades das diferentes camadas sociais direta ou indiretamente afetadas. Essas decisões podem representar benefícios para uns e prejuízos para outros.

Daí, a necessidade de buscar um novo paradigma, a fim de adotar um novo conceito de modernidade e permitir ao homem repensar a sua posição na busca da identificação de valores sócio-econômicos e éticos que lhe permitam deixar de ser um simples objeto de crescimento econômico e ser capaz de uma reflexão e maior entendimento da realidade, com vista a reativar seu elo de ligação com a sua condição planetária tão esquecida, buscando, assim, um modelo de desenvolvimento que considere o social compatível com a questão ambiental.

Nesse contexto, entende-se que a educação ambiental é o principal caminho para esta conscientização do homem, para maior aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de atitudes e habilidades que lhe permitam atuar como cidadão e participar ativa e responsavelmente na tomada de decisão sobre o futuro no nosso planeta. E por ser um processo que deve durar a vida toda, a educação ambiental pode ajudar a tornar mais relevante à educação geral. É mais do que apenas um aspecto particular do processo educacional, e deve ser considerada como uma excelente base na qual se desenvolvem novas maneiras de viver em harmonia como o meio ambiente – um novo estilo de vida. Deve dirigir – se a todos os membros de uma comunidade, no que diz respeito às necessidades e interesses das diferentes faixas etárias e categorias sócio – ocupacionais, e se adaptar aos diversos contextos socioeconômicos e culturais, considerando as desigualdades regionais e nacionais.

No Brasil, as iniciativas em promover a educação ambiental ganharam uma grande aliada quando, em 1999, foi promulgada a PNEA, Política Nacional de Educação Ambiental (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 2004), que determina direitos e deveres para toda a sociedade em relação à educação ambiental, seja dentro ou fora da escola.

Com base nessa Política Nacional, em seu capítulo II, seção III, art. 13, que diz que “entende-se por educação ambiental não formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente”.

Mas de que forma seriam desenvolvidas essas ações e práticas de conceitos ecológicos com crianças em idade de pré-alfabetização de forma prazerosa? Uma sugestão da presente autora é o contato direto com a natureza.

Segundo Novaes (2002, p. 97), a função de uma atividade de EA tanto formal quanto informal é “despertar a razão e a emoção para um melhor aproveitamento das informações

que estão sendo transmitidas, protegendo os recursos por meio da compreensão dos seus valores”.

O desenvolvimento de atividades conscientizadoras e formadoras de hábitos deve – se ao fato de que a criança, por meio de uma compreensão (conhecimento) ambiental ampla, forme uma consciência social (atitude) que afeta seu comportamento (ações) em relação ao meio ambiente total. Para isso, é importante discutir a formação de professores, para que os mesmos possam desenvolver com sucesso a educação ambiental.

#### 1.6 O papel do professor e como sua formação é importante para o desenvolvimento educacional

O professor é um elemento indispensável no processo de ensino/aprendizagem. Este processo é um dos tipos de comunicação que existem entre crianças e adultos. Segundo Drouet (1995, p. 103), “o professor deve ser o indivíduo que transmite a sua mensagem aos alunos num meio propício ao desenvolvimento de todas as capacidades das crianças”.

Na comunicação educacional, o comunicador ou emissor da mensagem é o professor, e receptor é o aluno. A mensagem é tudo o que o professor transmite de ensinamentos, experiências de vida ou atividades.

Contudo, dependendo do tipo de educação oferecida aos alunos, a sua formação profissional será diferente e, conseqüentemente, será variável também, seu comportamento como comunicador.

A tarefa de ensinar, em qualquer nível, é uma responsabilidade muito grande, mas no período infantil é realmente importante e decisivo. Segundo Drouet (1995, p. 103), se o professor não souber o que a criança tem capacidade ou não de fazer em determinada idade; se não for bastante criativo para preparar o ambiente propício e o material adequado às suas aulas e para desenvolver atividades pelas quais a criança se interesse; se não compreender que a criança pensa diferente do adulto e quer exercitar suas capacidades a seu modo, esse professor correrá o risco de deformar a criança em vez de formá-la.

A Lei nº 9.394/96 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA), inserida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dispõe sobre os princípios de valorização dos profissionais da educação. O requisito é ser a creche dirigida por adulto habilitado na área de educação, podendo este contar com profissionais de outras formações para com eles definir os caminhos básicos e dividir as tarefas coletivamente pensadas. O trabalho junto às crianças na

creche é entendido como sendo exercido por professor, com formação mínima de curso normal em nível médio.

Mas como levar o profissional a compreender que a criança pequena aprende de modo integrado, se são oferecidos conteúdos que não tratam da epistemologia desses conhecimentos? Se a criança constrói conhecimento explorando o ambiente de forma integrada, a formação do profissional deveria passar por processos similares para facilitar a compreensão do processo de construção do conhecimento. A homologia dos processos de formação e de ensino não favoreceria o conhecimento a ser adquirido? Compreender como a criança constrói conhecimento é um dos critérios para a organização dos conteúdos em áreas do conhecimento mais integradas, como ambiente, corpo e movimento, linguagem, linguagem expressiva, brinquedos e brincadeiras, entre outras, cita Kishimoto (2002, p. 109).

O mesmo autor destaca que outra dificuldade dos cursos de formação profissional está ligado à condução da prática pedagógica. Pouco tempo é dispensado para essa tarefa. Um professor dizia que ensinar criança parece valer menos que produzir um objeto ou estudar um animal.

Além disso, Oliveira (2002, p. 38) ressalta a importância dada à formação por essa legislação, traduzida não só na maior exigência do nível informativo inicial como também na necessidade de que esteja presente no meio escolar se caracterizando como um processo contínuo e sistemático, em que teoria e prática mantenham – se em constante interação. A formação continuada passa a ter seu lugar na escola visando a atualização, o aprofundamento dos conhecimentos profissionais e o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre o trabalho educativo.



*OBJETIVOS*

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 Objetivo geral

O presente trabalho visou desenvolver a educação ambiental por meio do turismo pedagógico dentro da educação infantil, tomando como ponto de partida a Creche “Casa da Criança Madre Maria Theodora Voiron” (Bauru, SP).

### 2.2 Objetivos específicos

- Caracterizar a Creche Casa da Criança Madre Maria Theodora Voiron;
- averiguar o conhecimento e as práticas das professoras da instituição em educação ambiental;
- observar a conduta dos professores e alunos em visitas no Parque Zoológico Municipal de Bauru, Jardim Botânico Municipal de Bauru e Estação Experimental de Bauru (Horto Florestal);
- propor o desenvolvimento do turismo pedagógico nos planos de ensino da educação infantil, por meio de uma cartilha; e
- estruturar uma cartilha para os professores com o objetivo de ressaltar a importância de aulas práticas em educação ambiental e orientar os mesmos sobre a organização de uma visita os locais citados anteriormente.

*METODOLOGIA*

### 3 METODOLOGIA

A palavra método significa o traçado das etapas fundamentais da pesquisa, enquanto a palavra técnica, os diversos procedimentos ou a utilização de diversos recursos peculiares a cada objeto de pesquisa, dentro das diversas etapas do método (RUIZ, 1996, p. 138).

#### 3.1 Tipos de pesquisa

No presente trabalho foram utilizadas as pesquisas exploratória descritiva. A pesquisa exploratória é a fase inicial de toda e qualquer pesquisa que deseja conhecer a realidade e levantar as dúvidas, ou seja, o problema que originou a pesquisa (DENCKER, 2001).

As tarefas desta etapa, de acordo com Tachizawa e Mendes (2001, p. 47), devem conter:

- levantamento bibliográfico do assunto;
- leitura da bibliografia e seleção/ anotação de conceitos aplicáveis ao tema;
- coleta de dados e informações complementares sobre o assunto junto às entidades, instituições ou pessoas ligadas ao mesmo;
- pesquisa e levantamento de dados na Internet.

Na segunda etapa do trabalho foi realizada a pesquisa descritiva, onde a elaboração das questões de pesquisa pressupõe profundo conhecimento do problema a ser estudado (MATTAR, 1999).

As pesquisas descritivas compreendem um grande número de métodos de coleta de dados. De acordo com Mattar (1999, p. 85), estes compreendem: “entrevistas pessoais, entrevistas por telefone, questionários pelo correio, questionários pessoais e observação”. E é utilizada para descrever as características de grupos, estimar a proporção de elementos em uma população específica que tenham determinadas características ou comportamentos, e descobrir ou verificar a existência de relações entre variáveis.

O tipo de pesquisa descritiva utilizada no trabalho foi a qualitativa, exigindo profundidade maior na exploração de informações importantes para a formulação das propostas.

#### 3.2 Coleta e apresentação dos dados

A fase exploratória conteve o levantamento bibliográfico, e muitos autores a denominam de pesquisa bibliográfica. Uma das fontes tradicionais é a própria biblioteca, na busca de textos teóricos encontrados em obras como livros, e ainda, a realização de uma

pesquisa documental em leis relacionadas a educação infantil, turismo e educação ambiental (MÁTTAR NETO, 2002). Este material foi apresentado na forma de texto no decorrer do trabalho.

Entrevistas informais foram realizadas com os docentes da Universidade do Sagrado Coração (Bauru, SP), na fase da disciplina de Programas de Cidadania para definição do tema para desenvolver o trabalho de campo. Neste trabalho foram realizadas atividades lúdicas em educação ambiental, visando a educação infantil de uma creche municipal. Como os resultados foram positivos no 2º. semestre de 2005, decidiu-se em continuar o tema, mas no aspecto de sistematizar visitas da educação infantil em algumas instituições ligadas ao meio ambiente em Bauru: Parque Zoológico Municipal, Jardim Botânico Municipal e Horto Florestal. E dados e informações complementares destas instituições foram obtidos por meio de *sites* de órgãos públicos, ONG's e pessoais.

Na fase descritiva qualitativa foram realizadas várias estratégias, tais como a descrição da creche e das instituições citadas anteriormente, a aplicação de entrevistas semi-estruturadas em docentes/ coordenadores da creche e responsáveis das instituições (Parque Zoológico Municipal, Jardim Botânico Municipal e Horto Florestal). Também foram feitas visitas técnicas às instituições e acompanhamento de visitas monitoradas ou não de escolas, a fins de verificar como as escolas exploram estas instituições bauruenses.

As entrevistas com as docentes foram gravadas e transcritas (ANEXO 3), e utilizadas, de forma sintética, no item Resultados. Já as entrevistas informais com os responsáveis das instituições bauruenses serviram de base para obter informações sobre as visitas das escolas, mas apresentadas somente nos resultados do trabalho.

*RESULTADOS*

## 4 RESULTADOS

### 4.1 A Creche Casa da Criança Madre Maria Theodora Voiron

Como estudo de caso sobre a inserção da EA na educação infantil, foi tomada como ponto de partida a “Casa da Criança Madre Maria Theodora Voiron” (Figura 1), situada na rua Joaquim da Silva Martha, 5-50, Altos da Cidade, telefone (14) 3234-6600, Bauru, São Paulo.



Figura 1 – A Creche Casa da Criança Madre Maria Theodora Voiron. Fonte: da autora, 2004.

A presidente responsável pela instituição é a senhora Célia Fernandes Bittencourt e a coordenadora pedagógica é Maria Márcia S. e S. Kopnowski Garcia. Os dados técnicos a seguir foram obtidos a partir de entrevistas semi – estruturada com as atuais professoras e coordenadora pedagógica da instituição.

Sua fundação data de 02 de janeiro de 1986 e tem como objetivo atender crianças de mães que trabalham naquela região, sem distinção de classe social, fornecendo não só o básico para a sobrevivência física, mas a noção da possibilidade de um viver mais humano e fraterno. É uma entidade particular filantrópica, sem fins lucrativos, sustentada por colaboradores voluntários que se propõem, por meio de uma visão cristã da vida e do ser humano, a realizar um trabalho de assistência social integral às crianças assistidas durante todo o período em que permanecem no local. A creche também conta com o auxílio da Prefeitura Municipal que fornece, além de alimentos e produtos necessários para a manutenção da creche, verba para a contratação de professoras e estagiárias.

Atualmente, a creche dispõe de oito funcionárias sendo três professoras, duas recreacionistas, uma cozinheira, uma encarregada pelos serviços gerais, uma coordenadora, além dos voluntários que se somam a várias atividades que são desenvolvidas ali.

O funcionamento da creche ocorre de segunda a sexta-feira, no horário das 7h às 17h, atendendo a 69 crianças de 3 a 12 anos que cursam educação infantil e ensino fundamental. Várias atividades são desenvolvidas, incluindo recreação, orientação à higiene pessoal, artesanato, inglês, auxílio psicológico e reforço escolar para as crianças do ensino fundamental.

O imóvel é alugado e conta com salas de recepção, coordenação, recreação e TV, além de dormitórios, banheiros, salas de aula, cozinha, refeitório, lavanderia, ``playground``, quiosque, uma horta e jardins.

Como citado anteriormente, a Creche possui uma carência em atividades práticas de educação ambiental e de maior contato com a natureza.

Para averiguar o conhecimento das professoras em EA e se a mesma é desenvolvida no cronograma escolar, foram aplicadas entrevistas às professoras, no dia 4 de abril de 2005, nas dependências da Creche.

A primeira questão levantada foi sobre formação acadêmica de cada uma das professoras, o tipo de orientação de EA que possuíam e como havia sido adquirida essa orientação. Dentre as três docentes consultadas, uma está cursando o ensino superior e outra possui graduação superior em Pedagogia. Além disso, as três professoras cursaram o magistério, mas somente uma trabalhou em EA, por meio de projetos no ensino médio.

Já em relação ao sistema educacional da Creche, foi perguntado quais os conceitos ambientais abordados no cronograma escolar e a sua forma. Todas utilizam a horta como local para aplicar conceitos ambientais. Além disso, uma trabalha a questão da separação do lixo orgânico e o reciclado, e outra ressalta algumas datas comemorativas como dia da árvore e a importância da preservação da natureza. As três docentes abordam os temas de modo teórico e prático.

Pensando no ensino da disciplina de ciências, foi questionado se as mesmas acreditam se a mesma fosse trabalhada de forma mais prática e didática seria melhor assimilada pelos alunos e por quê. Todas concordam que se a matéria fosse abordada dessa maneira, os alunos assimilariam melhor o conteúdo. Além disso, uma delas destaca que a mesma abordagem promove a mudança do hábito e até mesmo da família.

Em seguida foi perguntado se os alunos da Creche tinham algum contato com a natureza, onde e com que frequência esse contato acontecia. As três professoras responderam



que o Zoológico Municipal de Bauru é o local em que seus alunos podem ter um contato com a natureza, além de passeios em uma chácara particular. Porém, houve uma discordância quanto à frequência dos passeios, sendo que uma professora disse que ocorrem duas ou três vezes no ano, outra não respondeu e a última citou que eles ocorrem apenas uma vez no ano. Isto ocorre, provavelmente, devido as diferentes faixas etárias que atuam.

E para encerrar, as professoras foram questionadas quanto a possível inserção de um programa de turismo pedagógico, voltado para a EA, dentro do cronograma escolar da instituição e a partir de um programa deste, quais seriam os benefícios para a formação da criança. Duas professoras acreditam ser possível a inserção do programa, destacando que as crianças poderiam tirar dúvidas no momento da abordagem de um tema e, se feito de maneira continuada, seu benefício seria maior. Já a outra docente disse que o difícil de viabilizar um programa assim seria a questão de verba disponível para tal, mas ressaltou que o mesmo traria o benefício da melhor assimilação do conteúdo escolar.

Após as entrevistas com as professoras, foi realizada também uma entrevista com a coordenadora pedagógica da Creche. A mesma passou a integrar o quadro de funcionários da instituição apenas nesse ano de 2005, respondendo às questões levantadas, somente por esse pequeno período de atuação.

A primeira pergunta realizada foi se os alunos têm tido algum contato com a natureza, onde e com que frequência. Em pouco mais de dois meses na coordenação, ela disse que um passeio já foi feito, para uma chácara.

Depois, a coordenadora foi questionada se acredita ser possível introduzir programas de EA mais práticos no cronograma da Creche e se a Creche estaria aberta a realizar passeios educativos em locais ecoturísticos de Bauru como o Parque Zoológico Municipal, o Horto Florestal e o Jardim Botânico Municipal. Em ambas as questões, acredita ser possível a realização dos mesmos. Quanto à importância de se trabalhar a EA e de se fazer passeios educativos como os que foram citados anteriormente, destacou que ambos promovem o desenvolvimento da criança de um modo prático, tirando essa criança da teoria e fazendo com que interaja com o ambiente.

Pensando no posicionamento da administração da instituição quanto à realização dos projetos descritos antes, foi perguntado a coordenadora se existiria algum apoio para que isso acontecesse. Ela disse que do histórico que conhece da Creche, esses passeios existiam, só que em relação à frequência, não soube dizer. Mas ela afirmou que no pouco que já conversou com o grupo que administra a instituição, existiria um apoio sim.

Já em relação ao sistema de ensino voltado a EA, foi perguntado se a Creche abordou algum projeto relativo a Agenda 21. Devido ao pouco tempo junto à instituição, respondeu ter um conhecimento superficial sobre um convênio entre a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e a Creche, onde seriam realizadas reuniões de reciclagem de estudos, mas não soube dizer nada quanto a Agenda 21.

Pensando no melhor aproveitamento dos alunos de ensino infantil em relação à abordagem de temas como a EA, têm – se nos atrativos da cidade de Bauru como o Parque Zoológico Municipal, o Horto Florestal e o Jardim Botânico Municipal, o ambiente propício para o desenvolvimento de estudos da EA, baseada na proposta de turismo pedagógico a ser realizada nesses locais.

Para tanto foram desenvolvidas entrevistas informais com os diretores de cada uma dessas instituições com o objetivo de verificar de que forma é trabalhada a EA, na própria instituição ou pelos grupos escolares que as visitam – representados por professores e pesquisadores. Além disso, foram consultados *sites* oficiais ou que citam o trabalho nas mesmas (ZOOLOGICO, 2005; JARDIM BOTÂNICO, 2005), e ainda, *folders* e materiais impressos disponibilizados pela direção dos estabelecimentos.

## 4.2 O Parque Zoológico Municipal de Bauru

### 4.2.1 Infra – estrutura e funções

Numa área de 20 alqueires, o Parque recebe mais de 150.000 visitantes por ano para observar os mais de 600 animais (Figura 2), de mais de 250 espécies.

Seus principais objetivos são: a educação, a conservação, a pesquisa e o lazer.



Figura 2 – Animais do Parque Zoológico Municipal de Bauru.

Fonte: [www.sergiosakall.com.br/introducao/zoo\\_bauru.html](http://www.sergiosakall.com.br/introducao/zoo_bauru.html), 2005.

Para visitar a instituição com alunos, a escola deve agendar um horário com antecedência e participar do programa de educação ambiental, desenvolvido no Centro de Educação Ambiental (CEA) "Horácio Frederico Pyles", inaugurado em 11 de agosto de 1991, onde as crianças recebem uma palestra antes da visita. Essa palestra desenvolvida no Centro, por meio de projeção de slides, procura despertar o mais cedo possível a consciência ecológica nas crianças, levantando os principais problemas ambientais vividos em nossa região e país, além de mudar a imagem do Parque, que até então era visto apenas como um centro de lazer, e após a exposição poder ser entendido como um local de proteção e preservação de animais brasileiros ameaçados de extinção.

Além disso, são oferecidos outros programas pelo Centro como:

- Cursos para a comunidade. Tais cursos têm como objetivo atingir uma parcela da população que normalmente não participa das programações do CEA, despertando assim, o interesse destes em relação à causa ambiental.

Para isto, o CEA oferece cursos de iniciação com temas simples, como por exemplo: aquarofilia, biologia e ecologia marinha, mergulho autônomo, entre outros, mas que visam sempre mostrar a relação destes com o nosso dia – a – dia, e daí a necessidade de preservação do meio ambiente.

- Vigília ecológica. Atendendo a estudantes de 2º grau e universitários, a vigília tem uma programação voltada para o despertar da consciência de preservação ambiental, mas realizado de modo informal, agradável e motivador.

Dessa forma, os alunos se reúnem no Parque às 22 horas e caminham para observar os animais de hábito noturno. Depois se reúnem no anfiteatro do Parque para assistirem a uma palestra sobre temas ambientais, geralmente relacionado com o conteúdo já desenvolvido na escola, e cujo palestrante é alguém com conhecimento no assunto. A seguir é realizado um debate entre palestrante e participantes. Esse debate não tem hora para acabar, podendo se estender pela madrugada adentro. Os estudantes ficam alojados no Parque e só vão embora ao amanhecer.

- Cursos de férias. Durante o período de férias escolares, o CEA tem a possibilidade de desenvolver trabalhos mais específicos na área de educação ambiental, uma vez que o número de excursões no Parque é bem menor.

Baseados no interesse dos alunos que visitam o Parque durante o ano, foram montados cursos para crianças e adolescentes, que visam transmitir noções básicas de ecologia, tais como: ecossistemas brasileiros, espécies brasileiras da fauna e flora ameaçadas de extinção, noções de proteção ao ambiente, meio ambiente urbano e seus problemas, etc.

Os cursos têm duração de uma semana, e podem ser ministrados tanto no CEA, quanto em alguma cidade da região de Bauru. No penúltimo dia, os participantes permanecem no Parque, onde serão realizadas atividades noturnas e pernoitam nos alojamentos no CEA.

- Acantonamento ecológico. Ele é desenvolvido em finais de semana, com estudantes de vários níveis escolares de Bauru e outras cidades da região.

Os participantes chegam ao Parque no sábado, por volta das 16 horas, onde desenvolvem atividades diurnas e noturnas, por meio de palestras, projeções de slides e vídeos, passeios ao Parque e ao Jardim Botânico, atividades artísticas, jogos, tudo sob a orientação da equipe de educação ambiental do CEA. Passam a noite no alojamento e permanecem no local até as 16 horas do domingo.

Este projeto tem por objetivo proporcionar aos participantes, um maior contato com a natureza, tornando – os dessa maneira, mais sensíveis aos problemas atuais de destruição ambiental.

- Curso de atualização em questões ambientais para professores de 1º e 2º graus. Devido ao pouco tempo que os professores têm para se atualizarem e a grande quantidade de assuntos na área ambiental, surgiu à idéia de realizar esse projeto.

Com o objetivo de fornecer subsídios em questões ambientais, este curso visa a discussão de tais temas, através de palestras, projeções de slides e vídeos, para que se esclareçam e desmistifiquem idéias transmitidas de maneira confusa e errônea.

Estes cursos geralmente tem a duração de 1 dia e participam em média 40 professores, sendo que metade das vagas são destinadas a professores da área de ciências e a outra metade a professores das demais áreas, uma vez que a educação ambiental necessita de uma abordagem multidisciplinar.

É importante ressaltar que o Parque não é somente um local onde os animais estão em exposição. A finalidade principal é de se conseguir a reprodução das espécies para que um dia estes animais possam viver livremente na natureza sem que o homem as destrua, portanto, é imprescindível passar aos alunos que o visitam, a necessidade de respeitar os animais, comportando – se adequadamente de acordo com as regras de conduta abaixo:

- Não grite, fale alto ou faça barulho, existem animais com hábitos noturnos e que podem estar dormindo durante a visita, sem contar os animais em período de reprodução.

- É importante que os alunos não incomodem os animais que podem se assustar, ferindo-se gravemente.

- Não jogue lixo no chão.

- Não ultrapasse as barreiras e cercas de proteção.

- Não alimente os animais, pois eles já recebem alimentação balanceada.
- Não arranque flores, folhas ou deprede os jardins do Zôo.
- Não atire objetos aos animais, pois eles podem se ferir.

Assim é possível aproveitar melhor o passeio e também, não esquecer de prestar atenção às placas de sinalização e identificação dos animais. Elas fornecem importantes informações que devem ser passadas aos alunos.

Informações complementares sobre o funcionamento do Parque foram obtidas em entrevista realizada com o zootecnista e diretor, Sr. Luiz Antonio da Silva Pires, no dia 18 de abril de 2005.

As visitas são controladas por meio de um agendamento prévio da escola com a secretaria do Parque. Em 2004, 350 grupos fizeram esse agendamento. Porém, não existe um controle específico para a faixa etária da educação infantil, pois a mesma não é atendida no CEA, devido à dificuldade de preparar um conteúdo mais prático e dinâmico, específico para esse tipo de educação e outro para as demais faixas educacionais.

Todos os grupos provenientes de escolas, seja de qualquer tipo de educação, recebem um folheto de orientação. Esse folheto, geralmente, é entregue à professora responsável pelo grupo, que deverá passar informações para os alunos que tipo de trabalho se realiza no Parque, suas funções, como se comportar em suas dependências, entre outras.

#### 4.2.2 Acompanhamento de visita

Para analisar como um grupo desenvolve suas atividades no Parque, foi realizada a técnica de observação no dia 20 de abril de 2005, acompanhando um grupo da E.M. CAIC Cristo Rei, de Macatuba, com cerca de 80 crianças (4 salas de 1ª série do ensino fundamental), monitoradas por 4 professoras da própria escola.

Neste dia, importantes observações foram realizadas, como:

- As professoras fizeram uma explicação prévia sobre o Zoológico antes de iniciar o passeio, por indicação do próprio Zoológico;
- Todas as crianças estavam identificadas com crachás;
- As professoras explicavam sobre os animais: seu nome, como vive, quantos anos vivem, se está em extinção;
- As professoras reprendiam as crianças quando faziam barulho e as faziam andar sempre em fila;

- As crianças se apresentaram bem curiosas e empolgadas, perguntando sobre tudo o que viam de diferente;
- As professoras algumas vezes lembravam alguns conceitos falados em sala de aula como os animais em extinção, o tipo de vegetação existente dentro do Zôo, a importância e beleza das árvores, a importância de não se jogar lixo no chão e para os animais;
- As crianças reconheciam alguns animais, provavelmente vistos em vídeos, revistas, televisão, pois nenhuma delas prestavam a atenção nas placas; e
- As crianças associavam os animais silvestres e/ou selvagens com animais domésticos.

A pesquisadora, em momento algum, tentou disfarçar sua presença perante o grupo, tanto que as professoras, muitas vezes, perguntavam sobre “as atrações”, considerando – a uma monitora local.

#### 4.3 A Estação Experimental de Bauru – Horto Florestal

##### 4.3.1 Infra – estrutura e funções

A Estação Experimental de Bauru (popularmente conhecida como Horto Florestal), pertencente ao Instituto Florestal da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, foi criada em 1928, numa área de 43,09 hectares, com a finalidade principal de realizar pesquisa e experimentação na área florestal, produzir mudas de espécies florestais para reflorestamento com fins conservacionistas e produtivos.

A Unidade possui um viveiro de mudas nativas e exóticas que são produzidas com sementes coletadas na região. Dentre as diversas espécies destacam – se algumas madeiras de lei como a Aroeira, Pau – Brasil, Cabreúva, Peroba, etc.

São produzidas ainda várias espécies utilizadas na recuperação de áreas degradadas e espécies de menor porte para arborização urbana.

Por essa Unidade ser uma das maiores áreas verdes (Figura 3) localizadas dentro do perímetro urbano de Bauru, é muito freqüentada por pessoas de todas as idades, que procuram o contato com a natureza. Além do patrimônio natural, a área possui pista de *Cooper*, área de piquenique com bancos e mesas, playground, campos de futebol e vôlei, quiosques, bebedouro com água potável e sanitários.

Portanto, as atividades realizadas no local se baseiam num Programa de Uso Público (PUP), desenvolvido em torno de temáticas como educação ambiental, interpretação da natureza, lazer e capacitação de pessoal (ANEXO 4).



Figura 3 – O Horto Florestal de Bauru. A= Passagem do Fôlego; B= Trilha das Boas Vindas.

Fonte: [www.centrinho.usp.br/eventos/hospedagem/file/tur](http://www.centrinho.usp.br/eventos/hospedagem/file/tur), 2005.

No dia 19 de abril de 2005, foi realizada uma entrevista informal com o responsável por agendamento de visitas no Horto o Sr. Paulo Henrique dos Santos, e foram levantadas questões em relação ao atendimento de grupos escolares. O Horto possui um controle sobre essas visitas, sendo que, no ano de 2004, 50 grupos de escolas de Bauru estiveram no local. Desses 50, somente 8 grupos eram de educação infantil e todos solicitaram o acompanhamento de um monitor que os orientou nas trilhas oferecidas pelo estabelecimento.

A orientação feita por esse monitor vai desde a explicação da utilidade do Horto Florestal para a nossa comunidade, até sobre a biologia das plantas encontradas no local. Também são trabalhadas questões de preservação ambiental, feitas de modo mais simples, pois todo o monitoramento é realizado ao ar livre.

Contudo, já está sendo organizado para o final do ano de 2005, um centro de educação ambiental, com verba proveniente da Centrovias (administradora da estrada Bauru – Jaú), que no passado desapropriou uma extensão da propriedade do Horto.

O centro terá um escritório administrativo, que será responsável pelos agendamentos de visitas; um museu de madeira; palestras com projeções de *slides* e vídeos, relacionados com o trabalho desenvolvido no estabelecimento e questões de educação ambiental.

#### 4.3.2 Acompanhamento de visita monitorada

Com o objetivo de verificar o desenvolvimento das visitas na unidade, foi feita, no dia 02 de maio de 2005, a observação de um grupo de alunos da 4ª série, da Escola Criarte de Bauru. Os mesmos foram acompanhados por duas professoras e o monitor do Horto.

Na observação, foram verificadas as seguintes situações:

- Primeiro contato foi de observação geral do local, com destaque de uma das professoras para a importância do uso do olfato num passeio como este;
- As professoras participaram plenamente da visita monitorada, fazendo boa parte do tempo analogia com conceitos abordados em sala de aula como: Unidades de Conservação (exemplo é o próprio horto), cadeia alimentar na fauna e flora local (exemplo foram os líquens, musgos), história (da do próprio Horto, fundado a partir da depressão de 1929 com a queda do café), matemática (medidas de hectare para descrever o tamanho do local), vegetação do local e da região de Bauru (destacando as características e clima específico do cerrado).
- O monitor explica detalhadamente e com linguagem adequada, a característica de cada uma das plantas encontradas no local;
- As crianças participam o tempo todo, tirando dúvidas, sem demonstrar vergonha ou receio.

#### 4.4 O Jardim Botânico de Bauru

##### 4.4.1 Infra – estrutura e funções

O Jardim Botânico Municipal de Bauru (JBMB) foi criado em 1994, em terras que até então compreendiam o Parque Ecológico Tenri. Possui uma área de 321 hectares, equivalente a 400 campos de futebol, sendo na sua maioria ocupada por cerrado. Possui um viveiro que se destina à produção de mudas para projetos de recuperação de áreas degradadas, experimentos e manutenção do próprio Jardim Botânico e também um orquidário (Figura 4), com o cultivo de espécies exóticas e exclusivas.





Figura 4 – O orquidário do Jardim Botânico Municipal de Bauru. Fonte: [www.bauruemia.com.br](http://www.bauruemia.com.br), 2005.

Os visitantes recebem uma palestra sentados em um anfiteatro ao ar livre (Figura 5) e percorrem uma trilha passando por diversos estágios e tipos de vegetação, acompanhando a mata ciliar na margem do Córrego Vargem Limpa, a Mata de Planalto, o Cerradão e o Cerrado.



Figura 5 – O anfiteatro do Jardim Botânico Municipal de Bauru. Fonte: [www.bauruemia.com.br](http://www.bauruemia.com.br), 2005

A companhia do visitante se resume em Jacarandá, Ipês, Copaíbas, Barbatimão, Sucupiras, Candeias, Jatobás, Murici, Embaúvas, Pequizeiros, Faveiros e Bromélias. Sem barulho, podemos nos dar ao luxo de encontrar algum membro da fauna silvestre como o sabiá-poca, a gralha-do-campo, o tico-tico, a jacupemba, saíras e gaviões, ou mesmo uma cutia, um tamanduá-mirim, um veado catingueiro, um gambá, ou um quati. No final da trilha encontramos uma pequena queda d'água de águas limpas.

As recomendações para uma visita agradável e consciente, são:

- Ir devidamente calçado e com calças compridas para se proteger de arranhões ou mesmo de picadas de insetos.
- Apenas observar e não arrancar folhas, flores e galhos.
- Se possível leve uma câmera fotográfica para registrar a visita.
- Não deixar marcas em troncos ou riscar as pedras da queda d'água.
- Não jogar lixo no chão ou levar alimentos na trilha.
- Não ingerir folhas ou frutas encontradas nas árvores da trilha pois podem ser tóxicos.
- Não gritar ou falar alto (assusta os animais).

Diante de tudo isso, o JBMB, tem uma grande responsabilidade em conservá-lo e promover a conscientização da população por meio de visitas monitoradas ou uma simples caminhada.

Em entrevista feita no dia 20 de abril de 2005, de maneira informal, com o diretor do JBMB, Sr. Engenheiro Agrônomo Luiz Carlos de Almeida Neto e a bióloga Lariza, foram levantados alguns dados referentes à visitação e ao trabalho realizado no estabelecimento.

O Jardim Botânico faz o controle de visitas do local e recebeu no ano de 2004, 88 grupos provenientes de escolas de Bauru, sendo que desse total, 15 eram de educação infantil e todos esses solicitaram visita com monitoramento.

Esse monitoramento é realizado com explicação “in loco” e a orientação varia de acordo com o grupo. Se a escola faz a solicitação por um tema específico, a educação ambiental é feita de modo geral e enfoca – se mais o tema.

Além disso, quando um grupo tem um tempo determinado para a visitação, essa orientação fica limitada. Mas, de forma geral, a preservação e conservação da natureza são sempre abordados.

#### 4.4.2 Acompanhamento de visita monitorada

Também, para que fosse verificado como os grupos escolares procedem durante uma visitação no local, foi realizada, no dia 26 de abril de 2005, uma observação de um grupo de alunos da 4ª série do ensino fundamental, provenientes da cidade de Arealva (SP). Este grupo que está ligado ao desenvolvimento de um projeto sobre educação ambiental, em parceria das Secretarias da Educação e da Agricultura. O mesmo veio acompanhado por 4 professoras e um pesquisador, que utilizaram o tempo todo as explicações da monitora do Jardim Botânico.

Além disso, foi possível verificar:

- A partir de uma palestra inicial ministrada por uma monitora e um índio, ambos funcionários do estabelecimento, notou – se muita empolgação e curiosidade por parte dos alunos. Temas como meio ambiente, vegetação regional, preservação da natureza, foram abordados nesse momento. Além disso, também foi exposto ao grupo por quê e para que serve o Jardim Botânico;
- O primeiro contato dos alunos foi no anfiteatro ao ar livre, onde os monitores chamaram a atenção dos alunos quanto à beleza do entorno, o barulho produzido pela natureza e o cheiro característico do local;
- As professoras apenas interferiam na visitação quanto à disciplina do grupo, chamando a atenção, o todo tempo, sobre o benefício para a aprendizagem e não somente para o lazer. Porém, detiveram – se somente a isso, não fazendo nenhuma pergunta a monitora, e menos ainda relacionando com temas abordados com conteúdos de sala de sala. Provavelmente, as mesmas também foram lá para aprender;
- Os alunos interagem o todo tempo com monitores, lembrando em algumas oportunidades de questões levantadas em sala de aula como a reprodução das plantas, fases de desenvolvimento das plantas, queima de mata ciliar, vegeta o local (cerrado), e ainda, problemas de seu dia – a – dia como tratamento do esgoto, o uso consciente da água potável, a falta de conscientiza o das pessoas quanto a jogar lixo em áreas de prote o ambiental e também no perímetro urbano, a prolifera o do mosquito da dengue;
- Um dos monitores incentivou a cada explica o, o grupo a levar todo conhecimento adquirido para dentro de sua casa, compartilhando – o com suas famílias.

*DISCUSSÕES*

## 5 DISCUSSÕES

### 5.1 A creche

A primeira questão levantada foi em relação à formação das professoras entrevistadas.

Todas cursaram o magistério, concluindo assim o nível médio, mas apenas uma delas tinha o ensino superior completo. De acordo com a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Art. 62. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 2004), temos que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

A educação infantil, fase educacional em que essas professoras estão inseridas, faz parte dessa educação básica, como afirma o Art. 29 da mesma Lei e, portanto, elas teriam que se adequar a ela.

Em relação aos conceitos ambientais abordados no cronograma escolar, as três docentes fazem uma abordagem de modo prático e teórico, demonstrando que as mesmas planejam, elaboram o conteúdo de suas aulas de forma a suprir as necessidades de conhecimento, e essa postura demonstra a preocupação com a boa formação educacional da criança, como já citado anteriormente.

Destacando a disciplina de ciências, foi questionado sobre a abordagem da mesma de forma mais prática e didática e, uma das professoras ressaltou a mudança de hábito na criança e até mesmo da família a partir dos conceitos trabalhados.

Penteado (1997, p. 16) comenta que as questões ambientais trabalhadas dentro das Ciências Sociais, contribuem para a formação de uma consciência ambiental. Portanto, a afirmação feita pela docente procede, pois se essas questões se voltarem para uma mudança de atitude da criança, essa, que se encontra em processo de desenvolvimento intelectual e de valores, passa a mudar seus hábitos e os trazem para dentro de sua casa.

Já, a partir das questões feitas a coordenadora pedagógica, destaca – se pontos como a importância de se trabalhar a EA em passeios educativos, pois segundo a mesma, eles promovem o desenvolvimento da criança de um modo mais prático, fazendo com que haja uma interação dela com o meio.

Serrano (2001, p. 214) ressalta que EA precisa “ir além das práticas formais (escolares) e usar outros recursos pedagógicos. Aliás, é preciso dizer que é no campo informal

– onde estão inseridas as atividades turísticas e de lazer em áreas naturais – que têm sido obtidos os maiores êxitos em termos de sensibilização em relação às questões ambientais”.

Mas, apesar de seu interesse pela abordagem da EA, a mesma não soube dizer sobre qualquer projeto pedagógico desenvolvido na entidade, norteado nos princípios da Agenda 21.

De forma geral, a Agenda 21 é um processo de planejamento participativo que resulta na análise da situação atual de um país, estado, município, região, setor e planeja o futuro de forma sustentável. E esse processo deve envolver toda a sociedade na discussão dos principais problemas e na formação de parcerias e compromissos para a sua solução a curto, médio e longo prazo. A análise do cenário atual e o encaminhamento das propostas para o futuro devem ser realizados dentro de uma abordagem integrada e sistêmica das dimensões econômica, social, ambiental e político-institucional da localidade. Em outras palavras, o esforço de planejar o futuro, com base nos princípios da Agenda 21, gera inserção social e oportunidades para que as sociedades e os governos possam definir prioridades nas políticas públicas (EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2005). E se tudo isso não tem sido desenvolvido pela instituição, a mesma não tem interagido com a sociedade de modo geral em relação à preservação da natureza e a promoção do desenvolvimento sustentável. Entretanto, muitas escolas do ensino fundamental e médio também estão em fase de estudo para desenvolver estratégias para a Agenda 21.

## 5.2 As instituições bauruenses e as visitas

Pensando no número de visitas de grupos escolares realizadas nos atrativos abordados, foi observado uma grande diferença entre um estabelecimento e outro. Enquanto que no ano de 2004 o Parque Zoológico Municipal recebeu 350 grupos, o Jardim Botânico recepcionou 88 e o Horto Florestal 50. Provavelmente, o Parque tem uma maior divulgação de suas atrações do que os demais locais.

Já em relação às visitas monitoradas, voltadas ao atendimento da faixa etária de educação infantil, mesmo dispondo de um Centro de Educação Ambiental, o Parque não realiza essas visitas, enquanto que o Jardim Botânico monitorou 15 e o Horto Florestal 8. A ausência desse tipo de visita no Parque foi justificada pela dificuldade de adaptação de uma linguagem mais didática ou mais prática para a educação infantil em relação a temas de preservação ambiental. Porém, como já citado anteriormente, o aprendizado desenvolvido junto ao meio temático possibilita uma absorção melhor de conhecimento pelos alunos dessa faixa etária, e uma visita a este local acaba sendo um momento de lazer e não de educação,

propriamente dito, já que cada professor vai abordar problemas relacionados a esse lugar de acordo com o seu conhecimento, que, às vezes, pode não ser os que são tratados pelo Parque.

Além disso, pôde ser observado em uma visita no Parque, sem monitoramento, que tanto professores, como alunos, necessitam de acompanhamento local, pois acabaram perguntando a pesquisadora sobre as atrações do Parque, como se a mesma fizesse parte do estabelecimento.

*PROPOSTAS E SUGESTÕES*



## 6 PROPOSTAS E SUGESTÕES

Na orientação às professoras sobre a importância de aulas práticas em educação ambiental e sobre como o turismo pedagógico pode ser inserido no cronograma escolar, a partir de atividades programadas em seus planos de ensino, foi elaborada uma cartilha contendo esclarecimentos teóricos e possíveis atividades/passeios a serem desenvolvidos nas instituições para que os alunos da educação infantil possam ter uma maior reflexão ecológica.

A disponibilização do disquete com a cartilha (em pdf) para a educação infantil facilitará o acesso das escolas e creches ao material que poderão ser enviadas por e – mail pelo Parque Zoológico Municipal, Horto Florestal e Jardim Botânico.

Nesta cartilha, além das informações técnicas sobre as instituições a serem visitadas, há uma proposta de organização das atividades desenvolvidas em 4 fases:

- a) Semana do planejamento: professores e direção da escola;
- b) Atividades e orientações em sala de aula e solicitação da autorização dos pais;
- c) Visita temática na instituição;
- d) Atividades na escola: produto; e
- e) Agradecimento à instituição, abordando a importância da visita e os produtos obtidos (desenhos, histórias, teatro, entre outros).

## Cartilha

*CONSIDERAÇÕES FINAIS*

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Ambiental é um tema atual e importante. O ensino para o meio ambiente deve contribuir principalmente para o exercício da cidadania, estimulando a mudança de comportamento e a construção de novos valores éticos. É, em sua essência, uma pedagogia de ação, pois não basta tornar as pessoas mais conscientes dos problemas ambientais, sem torná-las mais ativas, críticas e participativas de todas as questões envolvendo a natureza.

A escola é, sem sombra de dúvida, o local ideal para se promover à formação de uma consciência ambiental. As disciplinas escolares são os recursos didáticos por meio dos quais conhecimentos de que a sociedade já dispõe são colocados ao alcance dos alunos. As aulas são o espaço ideal de trabalho com os conhecimentos e, onde se desencadeiam experiências e vivências formadoras de consciências mais vigorosas, alimentadas no saber.

O crescente interesse por esse tema está relacionado ao desenvolvimento das nações modernas, bem como com a degradação ambiental. Com o avanço tecnológico e científico das últimas décadas, conhece – se mais sobre problemas ambientais do que no passado, porém, isso não tem sido suficiente para deter o processo de destruição do meio.

O modelo atual de desenvolvimento, desigual e esgotante dos recursos naturais, tem levado a produção de níveis alarmantes de poluição do solo, ar e água, destruição da biodiversidade animal e vegetal, ao mesmo tempo em que se consomem, de forma rápida, recursos minerais não renováveis. A gravidade desses problemas ambientais coloca as novas gerações em uma situação emergencial de busca de solução de desenvolvimento com conservação e preservação, que exige a participação de todos.

A Educação Ambiental procura alcançar a sensibilidade e conscientização da população em geral sobre os problemas ambientais. Portanto, é a ferramenta mais utilizada para se chegar à solução desses problemas, já que traz a situação para a pessoa refletir e repensar o papel de cada cidadão junto a todos esses problemas.

E o turismo, aliado a essa Educação Ambiental, seria uma ferramenta pedagógica, levando tanto alunos, como professores, a terem uma vivência direta com certos locais ainda preservados da ação destrutiva do homem, além de servir de exemplo para que sejam mantidos por essa geração, para que as próximas também possam ter essa mesma vivência.

## *REFERÊNCIAS*

## REFERÊNCIAS

- ACERENZA, M. A. **Administração do turismo**: conceituação e organização. Bauru: EDUSC, 2002.
- ALMEIDA JUNIOR, J. M. de. Educação como instrumento de transformação. In: INEP. **Desenvolvimento e Educação Ambiental**. Brasília: INEP, 1992. p. 71 – 87.
- \_\_\_\_\_. Desenvolvimento sustentável: a Universidade e a ética do planeta harmônico e da cidadania plena. In: SERRANO, C. T.; BRUHNS, H. T. (Orgs.). **Viagens à natureza**: Turismo, cultura e ambiente. Campinas: Papirus, 1997. p. 27.
- AROAL, S.; RANKIN, W. **Ecologia para principiantes**. Lisboa: Dom Quixote, 1982.
- BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995.
- BENI, M. C. Conceituando turismo rural, agroturismo, turismo ecológico e ecoturismo. In: BARRETO, M.; TAMANINI, E. (Orgs.). **Redescobrimo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p.31 – 34.
- BRASIL. Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 28 abr. 1999. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br>>. Acesso em: 23 fev. 2004.
- BUJES, M. I. E. Escola infantil: para que te quero? In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. da S. (Orgs.). **Educação infantil**: para que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 13 – 22.
- CASCINO, F. Do turismo convencional ao ecolazer. In: ANSARAH, M. G. dos R. (Orgs.). **Turismo**: como aprender, como ensinar, 2. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.p. 231.
- CORIOLOANO, L. N. M. T. O ecoturismo e os hóspedes da natureza. In: BARRETO, M.; TAMANINI, E. (Orgs.). **Redescobrimo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 35 – 59.
- DIAS, G. F. **Educação ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Elementos para capacitação em educação ambiental**. Ilhéus: Editus, 1999.
- DE LA TORRE, O. El turismo, fenómeno social. In: BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995.
- DROUET, R. C. da R. **Fundamentos da educação pré – escolar**. São Paulo: Ática, 1995.
- EDUCAÇÃO ambiental.Disponível em: <<http://www.mma.gov.br>>. Acesso em: 01 jun. 2005.
- EDUCAÇÃO no turismo. Disponível em: <<http://www.setur.rn.gov.br>>. Acesso em: 01 set. 2004.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação na pré – escola**: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 1996. 87f.

JARDIM BOTÂNICO. Disponível em: <<http://www.bauru.sp.gov.br/jb>>. Acesso em: 18 abr. 2005.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[http://www.vidagua.org.br/bauru\\_ambiental/jardimbotanico.shtm](http://www.vidagua.org.br/bauru_ambiental/jardimbotanico.shtm)>. Acesso em: 18 abr. 2005.

\_\_\_\_\_. Disponível em:<[http://www.vidagua.org.br/portalverde/jbmb\\_300.shtm](http://www.vidagua.org.br/portalverde/jbmb_300.shtm)>. Acesso em: 18 abr. 2005.

KISHIMOTO, T. M. Encontros e desencontros na formação dos profissionais de educação infantil. In: MACHADO, M. L. de A. (Org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 109.

LOMBARDO, M. A. Educação Ambiental como subsídio à escola do futuro. In: LOMBARDO, M. A.; de FREITAS, M. I. C. (Orgs.). **Universidade e comunidade na gestão do meio ambiente**. Rio Claro: AGETEO, Programa de Pós – Graduação em Geografia – UNESP – Rio Claro, Projeto.UCENPARCERIAS – UNES/ Universidade de Auburn (EUA), 2000.

MACHADO, L. M. C. P. Cognição ambiental: processo educativo e sociedades sustentáveis. Anais V Encontro Nacional de Prática de ensino de Geografia, Belo Horizonte: PUC/ Minas, 1999, p. 66 – 74. In: BARRETO, M.; TAMANINI, E. (Orgs.). **Redescobrimo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 84.

MATSUSHIMA, K. Projeto pedagógico e educação ambiental. In: INEP. **Desenvolvimento e educação ambiental**. Brasília: INEP, 1992. p. 88 – 103.

MEIRELLES FILHO, J. Ecoturismo: o novo mecanismo de desenvolvimento sustentável. In: BARRETO, M.; TAMANINI, E. (Orgs.). **Redescobrimo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p.27 – 30.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/se/educacaoambiental>>. Acesso em: 23 fev. 2004.

MOLINA E., Sergio. **Turismo e ecologia**. Bauru: EDUSC, 2001.

MUNHOZ, T. Conservação e educação ambiental. In: INEP. **Desenvolvimento e educação ambiental**. Brasília: INEP, 1992. p. 43 – 70.

NOVAES, M. H. Atividades ecoturísticas e educação ambiental. In: BARRETO, M. e TAMANINI, E. (Orgs.). **Redescobrimo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 93 – 100.

OLIVEIRA, S. M. L. A legislação e as políticas para a educação infantil: avanços, vazios e desvios. In: MACHADO, M. L. de A. (Org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 35 – 42.

PENTEADO, H. D. **Meio Ambiente e formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1997. (Coleção questões da nossa época; v. 38).

PERINOTTO, J. A. J.; ZAINÉ, M. F. EA: Estratégias e ações para a construção da cidadania. In: LOMBARDO, M. A.; de FREITAS, M. I. C. (Orgs.). **Universidade e comunidade na gestão do meio ambiente**. Rio Claro: AGETEO, Programa de Pós – Graduação em Geografia – UNESP – Rio Claro, Projeto.UCENPARCERIAS – UNES/ Universidade de Auburn (EUA), 2000.

SERRANO, C. M. DE T. O “produto” ecoturístico. In: ANSARAH, M. G. dos R. (Org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**, 2. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001. p. 203 – 234.

SUNG, J. M.; SILVA, J. C. Conversando sobre ética e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1995, p.90. In: BARRETO, M.; TAMANINI, E. (Orgs.). **Redescobrimo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 41.

THIESSEN, M. L.; BEAL, A. R. **Pré – escola, tempo de educar**. São Paulo: Ática, 1998.

XAVIER, H. Educação ambiental: caminho para a sustentabilidade ecológica no turismo. In: BARRETO, M.; TAMANINI, E. (Orgs.). **Redescobrimo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 71 – 91.

ZOOLÓGICO. Disponível em: <[http://www.vivendobauru.com.br/principais\\_atracoes.htm](http://www.vivendobauru.com.br/principais_atracoes.htm)>. Acesso em: 18 abr. 2005.



*ANEXOS*

## ANEXOS

ANEXO 1 – Exemplo de carta de apresentação para as instituições.....	59
ANEXO 2 – Exemplo de termo de consentimento dos entrevistados.....	60
ANEXO 3 – Entrevistas das professoras e da coordenadora pedagógica da Creche.....	61
ANEXO 4 – Treinamento de capacitação de pessoal do Horto Florestal.....	75



**Universidade do Sagrado Coração**  
**Centro de Ciências Sociais Aplicadas**

Bauru, 14 de abril de 2005.

Ilmº. Sr.

DD. Diretor Luiz Antonio da Silva Pires, do **Zoológico Municipal de Bauru**.

Prezado senhor

O objetivo desta é apresentar **Denise Neves de Freitas**, acadêmica do 6º ano do Curso de Turismo, da Universidade do Sagrado Coração (USC).

Uma das exigências do curso, para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo, é a elaboração de um Projeto de Pesquisa e o desenvolvimento de uma Monografia abordando a temática de interesse do acadêmico.

Neste caso, o tema escolhido para desenvolvimento de sua Monografia é **“Turismo: uma ferramenta pedagógica da educação ambiental”**, em franco desenvolvimento na atualidade. Entretanto, a interessada tem como pretensão direcionar seu objeto de estudo para uma organização local que esteja em plena atividade.

Diante do exposto, a aluna solicita a especial atenção de V.Sª. para apresentação do seu Projeto de Pesquisa, uma vez que esta organização foi escolhida como um dos objetos de estudo.

Se o proposto for de interesse da empresa, solicitamos de V.Sª. autorização para que a acadêmica possa desenvolver sua Monografia utilizando em seu trabalho informações relativas ao tema e objetivos da pesquisa.

No que concerne às ações propostas e as informações sigilosas, a acadêmica compromete-se em seguir o que for acordado entre as partes e, ao final da conclusão de seu Projeto, ceder a V. Sª. uma cópia em CD sobre toda a sua pesquisa para a vossa apreciação.

Colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

**Profª. Drª. Maricê T. C. Domingues Heubel**  
**Orientadora**

**Prof. Ms. Helerson de A. Balderramas**  
**Coordenador do Curso de Turismo**



Universidade do Sagrado Coração

## TERMO DE CONSENTIMENTO

*Título do Projeto:* **Turismo pedagógico: uma ferramenta para a Educação Ambiental**

*Citar endereço completo e telefone:* **R. Irmã Arminda 10-50 3235 7000**

*Pesquisadoras responsáveis:* **Graduanda em Turismo Denise N. de Freitas/ Profa. Maricê Heubel**

*Local em que será desenvolvida a pesquisa:* **Universidade do Sagrado Coração**

**Resumo:** Levando-se em consideração os problemas sociais e ambientais existentes no mundo atual, há necessidade de oferecer às crianças atividades educativas que as levem a adquirir uma postura mais consciente e responsável. As mesmas, que estão em fase de desenvolvimento psíquico – social, estão vulneráveis a quaisquer influências externas. Cabe, portanto, a instituição escolar e também a estudantes universitários, atuar como promotores da educação ambiental e social, ajudando de alguma forma a reverter esse quadro de problemas.

Assim sendo, uma equipe (interdisciplinar e multi profissional) esteve durante nove semanas desenvolvendo atividades lúdicas sobre o meio ambiente no espaço já existente na instituição como a horta, quiosque, área de lazer com árvores e terra, com um grupo de 20 crianças na idade de 5 e 6 anos e, por meio dessa experiência, pôde levantar uma carência de aulas de educação ambiental mais práticas e com mais contato com a natureza. Para tanto, será desenvolvido um roteiro educativo voltado para a educação ecológica, incluindo o Horto Florestal, Jardim Botânico e Zoológico Municipal de Bauru. Este será utilizado, posteriormente, como apoio às professoras na estrutura de uma cartilha; a mesma terá conceitos e atividades sobre ecologia e complementará o cronograma escolar já existente na instituição.

- **Benefícios:** O trabalho de graduação terá por objetivo orientar professores de ensino infantil sobre a importância de aulas práticas em educação ambiental (EA); elaborar um roteiro de visita ao Horto Florestal, Jardim Botânico e Zoológico Municipal, orientando previamente alunos e professores para o desenvolver diversos aspectos de EA e, propor o desenvolvimento do “turismo pedagógico” nos planos de ensino da educação infantil.

- **Confidencialidade**

Eu..... entendo que, qualquer informação obtida sobre mim, será confidencial. Eu também entendo que meus registros de pesquisa estão disponíveis para revisão dos pesquisadores. Esclareceram-me que minha identidade não será revelada em nenhuma publicação desta pesquisa; por conseguinte, consinto na publicação para propósitos científicos.

- **Consentimento Voluntário**

Eu certifico que li ou foi-me lido o texto de consentimento e entendi seu conteúdo. Uma cópia deste formulário ser-me-á fornecida. Minha assinatura demonstra que concordei livremente em participar deste estudo.

Assinatura do participante da pesquisa:.....

Data:.....

Eu certifico que expliquei a (o) Sr.(a) ..... acima, a natureza, propósito, benefícios e possíveis riscos associados à sua participação nesta pesquisa, que respondi todas as questões que me foram feitas e testemunhei assinatura acima.

Assinatura da Pesquisadora Responsável:.....

Data:.....

**Professora 1**

**1) Qual sua formação acadêmica?**

Bom, eu fiz o magistério no CEFAM, me formei em 2001 e agora eu to fazendo pedagogia no IESB, to terminando o 2º ano

**2) Que tipo de orientação sobre educação ambiental você tem? Como ela foi adquirida?**

No CEFAM, nós fazemos o projeto, né, que era desenvolvido durante 6 meses. Nós íamos na escola, fazíamos toda a preparação com as crianças e também na orientação de estágio era trabalhado conosco como trabalhar com as crianças tudo, né. E no IESB, por enquanto não foi trabalhado nada em relação a esse tema.

**3) Dentro do cronograma escolar adotado pela Creche, quais os conceitos ambientais são abordados? De que forma?**

Bom, primeiro nós passamos pra criança a respeito do lixo. Então nós colocamos um lixo vermelho, que é onde as crianças vão jogar aquilo que não tem como ser reciclado, então, o que são restos de comida, cascas de frutas que eles comem, então, coisas que não tem como ser reciclado eles sabem que eles têm que jogar nesse lixo vermelho e as coisas que dão pra ser recicladas, que dá pras outras pessoas usarem a gente explica que têm pessoas que vivem do lixo e o porque que elas vivem do lixo, a importância da gente ta reciclando esse lixo, né. Então, assim, passo o conceito pra eles também, assim, que enquanto tiver pessoas que não tem a consciência de tá reciclando esse lixo, o que é que vai acontecer? Mais árvores vão ser destruídas, né. Então, a gente passa todo esse conceito pra elas, então, tem vez que alguma criança vai jogar o papel, vamos supor, lá no lixo vermelho, uma outra criança lembra: “não pode, é lá no lixo azul”. Então, já vai fazendo esse trabalho, já vai desenvolvendo esse conceito, então eles não olham aquelas pessoas que trabalham com lixo, assim, com desprezo. Eles olham sabendo que é um trabalho e que esse trabalho realmente precisa ser feito, porque se não tiver uma pessoa pra fazer trabalho, os maiores prejudicados seremos nós mesmos, né. Então a gente tenta voltar um pouquinho pra isso também.

### **E a questão da horta?**

A horta a gente explica pra eles a importância das verduras, né, pra nós, na nossa vida o que é importante, então, a gente fala um pouquinho das vitaminas que a gente precisa, então, a gente brinca um pouco com eles, que a gente fala que o nosso corpo é como um carro, que o cano ele precisa do que? Da gasolina pra ele andar. E a gente fala “gasolina boa”. Porque tem essas... Então a gente trabalha assim, com o que ta falando dessas gasolinas que eles misturam em alguns postos. Então a gente fala pra eles: “a gente também precisa de gasolina boa”, legumes, verduras. Então, tem criança que quando chega aqui, elas não comem, de jeito...é um sacrifício a gente fazer a criança comer, mas porque em casa não tem esse hábito. Então aqui, é servido todos os dias, tem o arroz, o feijão, uma mistura, a verdura e um legume ou então, quando não tem a possibilidade de fazer um legume, sempre a verdura ta presente. Então, sempre tem uma verdura ou um legume... Então, eles começam de pouquinho. Então a gente fala: “só um pouquinho pra experimentar”. Então, eles começam a comer pouquinho. “Eu gostei”, pega mais um pouquinho. Então as mães notam a diferença, então elas começam a comentar com a gente: “Nossa, mas ele não comia nada disso!” e começa a comer. Então começa a mudar os hábitos e têm lugares que a gente vê que não é feito esse trabalho, né, algumas entidades, algumas creches. Se a criança não quer, eles, assim, não tentam fazer com que a criança come, não insistem, não incentivam, não explicam porque é que a criança tem que comer aquilo, o que vai fazer de bom pra vida dela, né.

#### **4) Você acredita que as aulas de ciências, feitas de forma mais prática e didática, seriam melhor assimiladas pelos alunos? Por quê?**

Com certeza, porque assim, até nós que somos adultos, se a gente tem a vivência só da teoria, a gente já fica meio perdido, né. Mesmo a gente tendo uma cabeça mais ampla, podendo uma imaginação maior, a gente fica restrita, a gente quer ter a prática, a gente quer vivenciar aquilo que a gente ta vendo, que gente ta ouvindo falar, pra ver se realmente é aquilo.

E pra criança é a mesma coisa, se a gente só fala, fala, elas vão abstrair? Vão, algumas coisas. Ela não vai tomar pra ela, não vai mudar os hábitos dela, se ela não vivenciar, se ela não vê, né. Então, a partir do momento acho que ela vê que é feito um trabalho em sala, depois ela faz aquilo que ela aprendeu em sala na prática e quando volta pra sala também é feito um trabalho, uma reflexão sobre tudo aquilo que eles viram, a criança tem um aproveitamento muito maior do que só ficar na sala ou também ficar na sala e ir nesse passeio e depois na hora que volta acabou, não se comenta mais nada, não pergunta, não vê se a

criança realmente aprendeu, não faz questionamento com essas crianças pra ver se realmente elas aprenderam, pra ver o que elas abstraíram pra elas, o que elas acharam mais importante, se elas tem dúvidas, né, a respeito daquilo que foi falado, daquilo que elas viram. Então, geralmente você vê projetos que são feitos pela metade, né. Eles começam, depois eles tem essa parte prática e param aí ninguém pensa em continuar e vê se realmente a criança aprendeu, né. Eles informam simplesmente. Eu acho importante sim tá fazendo esse trabalho tanto com as crianças pequenas quanto com as grandes, porque? Tudo o que elas aprendem na escola, na creche, elas levam pra casa. Então, até mesmo em consumo, em relação a água, a economia da água. Então, chega em casa, o que você passa aqui, eu sei porque eu vejo minhas sobrinhas, eu vejo as próprias mães das crianças falando, comentando. As mães falam pra mim: “eu chego em casa e eu to muito tempo com a geladeira aberta, eles mandam eu fechar, porque ta gastando energia”, “mãe, não fica abrindo a geladeira de pouquinho, abre e pega tudo o que a senhora tem que pegar”. Vai tá lavando alguma coisa, deixa a torneira na hora de lavar a louça aberta. Então, eles vão corrigindo as mães em casa. Então por isso que é importante, porque muitas mães não tiveram acesso a educação, então elas são meio “tapadas”. Muda o hábito da criança e da família, porque elas vão fazer uma cobrança em cima dos pais, mas elas só vão fazer essa cobrança se tiver um valor pra ela, se ela realmente tiver aprendido, porque se ela não vê a importância dessas atitudes ela não vai passar isso pro pai. Quando você ta trabalhando em sala, elas comentam se o pai tem uma atitude correta ou não. Então é onde você vai trabalhar com elas para elas tarem trabalhando com os pais, né. E esses pais vão ta comentando com outros pais. Então a coisa é que se você souber trabalhar e você trabalhar direito ela vai passando e muitas pessoas vão dando valor a isso. É igual quando teve aquele racionamento de água, que a pessoa que gastava menos de 100 KW de energia elétrica não pagava. Que aconteceu? Todo mundo economizou. Porque?

Porque mexeu no bolso. Agora se não mexesse no bolso eles iam continuar gastando. Então, ao invés deles aproveitaram esse gancho, não só essas pessoas, mas o próprio governo, aproveitar esse gancho para fazer uma conscientização geral igual eles fazem com a inclusão, com merenda escolar,..., essas propagandas que eles fazem na televisão, eles podiam aproveitar esse gancho e fazer com que essas pessoas também voltassem não só a importância pro bolso, “ah, vou ta economizando meu bolso”, mas realmente a importância pra aquilo que tem que ser visto, né. Então, acho que tem que ser feito um trabalho assim geral, tanto professores e assim especialização pra esses professores também, porque tem professores que nunca ouviu falar em EA, não sabem como aplicar EA, né...

Eles estudam ciências voltado para a parte de experiências, né, fórmula. “Vamos trabalhar a fórmula da água”. Puxa vida, faz uma coisa prática com a criança pra ela vê, não é? “A água não tem cheiro”. Pega, faz a criança cheirar a água, mostra a água, não é? Pra ter uma vivência, pra ta vendo, porque se for uma coisa que ela vivenciar na prática, ela não vai esquecer mais.

**5) Os alunos têm atualmente algum contato com a natureza? Onde? E, com que frequência?**

Bom, a creche está passando por várias mudanças agora, porque não tem nenhuma grade que nós seguimos, né. Assim, têm os passeios que são estipulados, então têm passeios ao Zoológico, nós fomos esses dias a uma chácara que tinha várias árvores, tinha piscina, então eles gostam desse contato com a natureza, então a gente faz eles pararem, senti né, porque nessa chácara que a gente foi eram eucaliptos. Então o cheiro do eucalipto é uma delícia. Então a gente fazia eles pararem e escutar o barulho da árvore, né. Então, assim como? Através da brincadeira do silêncio. Então eles tinham que parar e ouvir. Depois eles iam falar o que eles ouviram pra nós. Então, era uma coisa assim, as coisas que eles ouviam eram assim fantásticas, sabe? Coisas que a gente não percebe e eles percebiam, então era legal. E um ia falando pro outro, então, sabe? Então assim... e quando vai ao Zoológico a gente também mostra, a gente fala, a gente fala porque não pode jogar... mesmo porque, quando nós vamos, é, eles abrem, mas eles já não passam essa parte lá da... da onde vem a ... a apresentação do vídeo. Eles não passam.

Então nós vamos falando, porque geralmente tem nas jaulas as especificações dos bichos e também explicando que não pode tá jogando comida, tal. Então, geralmente eles perguntam porque que não pode, então aí a gente vai ta explicando. Antes de ir a gente já explica aqui. Então a gente explica os animais, né, o porque que eles estão lá, tudo isso. Porque eles falam assim: “mas por que eles não soltam?”,né.

Então, teve um trabalho assim, mas acho que ainda precisa ser feito um trabalho mais voltado pra isso, você entendeu?

Você assim que a frequência, então de passeios assim, seria assim mais ou menos, umas duas vezes no ano, no mínimo?

Em relação a passeios, né, ao Zoológico, com algum contato com a natureza, umas duas ou três vezes. Eu acho que devia ser mais frequente. Mas também é, assim, isso daí envolve muitas pessoas, muita..., né. Então, não têm condições de você ta ligando, vamos supor sempre pedindo um ônibus, porque a gente depende de doação. Então, é meio um pouco



complicado em relação a isso. Em relação também que a gente trabalha com crianças de 7 a 12 anos, também não pode tá contando com a escola sempre. E assim, se tem um passeio, todos eles querem participar...

**Geralmente um passeio desse vai um dia todo, toma o dia todo?**

Um dia todo. Geralmente nós saímos daqui oito e meia e voltamos quatro horas, né. Ou então, se é, no Zoológico, nós vamos as oito e voltamos a uma, uma e meia, duas horas, depende, né, do local.

**6) Você acredita ser possível a inserção de um programa de turismo pedagógico, voltado para a educação ambiental, dentro da grade curricular da Creche (de acordo com a faixa etária)? Qual o benefício para a formação da criança?**

Se for bem trabalho sim, porque o passeio por si só não vai mudar nada no hábito da criança. Só soltar ela ..., vai..., não vai adiantar nada, não vai acrescentar nada na vida dela. Vai lá vê bicho, não vai saber nada sobre os bichos, não vai saber nada sobre a cadeia alimentar, não vai saber nada disso, né.

**Então, da mesma forma como você prepara uma aula para sala de aula, você acha o passeio você teria que fazer da mesma forma?**

Da mesma forma. Traçar objetivos, metas a serem atingidas, objetivo, o porque você tá indo nesse passeio.

Só por passear, porque você tem um planejamento atrás disso, você tem uma meta a alcançar, um objetivo lá na frente. O que você quer mudar lá na frente nessa criança, levando ela nesse passeio? Porque senão não muda nada, continua da mesma coisa, aí você não trabalhou pra progredir, fazer com que essa criança cresça. Ela vai ficar estacionada naquilo que ela sabe ou, as vezes não sabe, ela vai por uma simples... é uma diversão? É, mas não é só diversão. Acho que você tem que envolver todas as pessoas. Já que vai ser uma coisa diferente, eles já vão estar empolgados, vai tá saindo da rotina deles. Então, você tá trabalhando uma coisa diferente, né, você está mostrando pra eles as coisas que acontecem se você joga, vamos supor, a comida pra um animal, né, e por que não pode jogar essa comida. Então tem tudo isso pra você tá sendo trabalhado com as crianças, não só em respeito dessa alimentação delas, como no Horto aconteceu que eles botaram fogo. Então, tem como você fazer essa criança ser uma criança crítica, voltada pra essa parte de ajudar a ter uma melhora no mundo. Porque se a gente não trabalha com essas crianças, o que vai acontecer? Elas vão crescer... Hoje já se encontra ruim, né.

**Você acredita que se você tivesse um incentivo, assim, se você tivesse disponível ônibus, né, toda a estrutura, você acredita ser possível então ta trabalhando esse conceito?**

Com certeza.

**E o passeio ajudaria, de visualizar melhor a matéria em si, né?**

Exatamente. Porque tudo o que você vê, você vivencia na prática, você guarda mais, você realmente aprende, né, não, fica só ali naquela teoria que muitas vezes essa criança acha chato porque só fica ali na teoria, ela não vivencia. Então, eu acho que assim, a criança ter uma vivência é muito importante, ela vê aquilo na prática, porque ela vai memorizar mais, vai fixar, porque ela viu aqui em sala de aula, aí ela vê lá também. Então, é uma maneira de você ta forçando aquilo que você passou. E lá, como elas vão ta envolvidas, se surgirem as dúvidas, elas vão perguntando e já vão ta olhando, né, pra aquilo com outros olhos. Eu acho muito importante! Falta, eu acho assim que condições e também conscientização de alguns professores. Que alguns professores acham que é perda de tempo, matar aula acha que mais importante encher a lousa de conteúdo, do que uma vivência dessa. Não é por aí. Eu acho assim que do jeito que a educação se encontra hoje, acho que é muito importante a criança ta fazendo um trabalho desse, muito importante, porque o que a gente vê aí no mundão hoje é só destruição. Você não vê... é muito difícil você ouvir falar na televisão projeto que ta sendo feito pra melhorar a qualidade de vida, não é? É só destruição. Você liga a televisão é destruição, você liga... é destruição. Então, a criança só vê isso e como mudar isso, se você começa a questionar como eu vou fazer pra mudar?

**Aí ela tem a impressão que a destruição que é o correto, né? Porque é o que ela vê mais...**

Então, se ela vê arrancando uma árvore: “ai, tem que arrancar, tá atrapalhando”, né. Muitas vezes é esse conceito que passam pra ela. “Ah, mas essa árvore suja muito, eu vou cortar”. Muitas vezes até o pai fala isso. Tem uma árvore, né, “ah, eu vou cortar, só faz sujeira”. Então, elas acham que esse é o correto: cortar, destruir, gastar, né. Então, eles acham que isso é o correto, porque elas só vêem isso. É muito difícil você vê algum projeto passando, né. Você só vê falar de poluição que cada vez aumenta mais, camada de ozônio...então eles só vão vendo isso. Só que ninguém mostra pra eles que isso pode mudar, que tem solução e que se todo mundo trabalhar junto, dá pra mudar.

## **Professora 2**

### **1) Qual sua formação acadêmica?**

Eu fiz o magistério no Cristino e fiz pedagogia também. Fiz lá em Santa Cruz do Rio Pardo

### **2) Que tipo de orientação sobre educação ambiental você tem? Como ela foi adquirida?**

Não.

### **Então, aquilo que você tem de conceito de educação ambiental...**

É vivência adquirida em outras...de outra forma, não na unidade escolar.

### **3) Dentro do cronograma escolar adotado pela Creche, quais os conceitos ambientais são abordados? De que forma?**

Na turma do Jardim II e pré é dentro de natureza e sociedade. Então, faz parte do planejamento anual da turma e a gente trabalha de forma... é ... na preservação dos animais, da horta que tem aqui..., o jardim, até na hora que eles trazem flor pra gente de manhã, a gente fala que a flor é muito mais bonita no pé, porque a gente foi apanhar, é muito mais legal receber uma cartinha ou um desenho, o que eles produzam e não tirar... por que todo mundo pode ver a flor na natureza do que se lhe trouxer aqui, passa algumas horas ela já começa murchar e... A gente trabalha até nesse ponto.

### **4) Você acredita que as aulas de ciências, feitas de forma mais prática e didática, seriam melhor assimiladas pelos alunos? Por quê?**

Eu acho que... a gente trabalha é... o nosso trabalho na educação infantil é de forma mais prática mesmo, assim... Tem poucas coisas que a gente... que mais pega no pé, assim, é a língua portuguesa, a matemática, que é ... Tem que fazer isso, porque senão eles vão chegar na primeira série e não sabe usar um caderno. Agora essas outras matérias a gente trabalha mais com dramatização, com histórias, mais de forma prática. Eles assimilam mais uma coisa que é vivenciada assim, né, do que só...Uma coisa que eles façam, com experiência prática, mais viável do que teórica.

### **5) Os alunos têm atualmente algum contato com a natureza? Onde? E, com que frequência?**

Tem. Nós já fomos pro Zoológico, na páscoa agora nós tivemos um passeio. Nós fomos pra uma chácara e tinha árvores frutíferas, teve caminhada...

**Até animais também ou não?**

Animais não. É... então, nós fizemos uma caminhada por uma trilha que tinham as árvores, né. Só a turma dos menores mesmo que não fizeram porque era... De 3 a 4 anos e 11 meses. A gente foi de 5 até 12. A gente fez a caminhada, tudo, aí a gente observou formiga, insetos, aranha que apareceu... e até na hora que a gente voltou do passeio que eles desenharam, tudo, até apareceu no desenho deles...

**6) Você acredita ser possível a inserção de um programa de turismo pedagógico, voltado para a educação ambiental, dentro da grade curricular da Creche (de acordo com a faixa etária)? Qual o benefício para a formação da criança?**

Na verdade, o que é mais difícil pra gente é a ..., é viabilizar esses passeios é a verba, né. Porque ônibus a gente não tem dificuldade de conseguir, é, por enquanto a gente nunca é..., foi negado. Agora, por exemplo, uma vez nós tentamos fazer um passeio lá no acampamento Tibiriçá, sabe? Porque é muito ecológico, né, lá assim...

**Tem até uma mini fazenda lá dentro, né?**

Tem, com animais, passeio no lago, né, então eu acho que seria muito interessante. Só que o ano passado nós não conseguimos, é, porque a gente fez uma rifa e não conseguimos vender tudo, então...

**Eles não te dão incentivo também no valor... tipo diminuir a entrada lá do... por que paga um valor, né?**

Eles diminuiriam o valor da entrada, só que eles contratam monitores, tudo, né, que já conhecem o lugar, que podem fazer esse acompanhamento com eles, né.

Só que a gente não conseguiu atingir a meta, né, que era o valor pra leva-los.

**Aí vocês acabam ficando sempre no... vamos dizer assim, no tradicional: Zoológico?**

Que é o que a gente consegue isenção, né, do pagamento.

**Do pagamento e consegue o ônibus, né?**

É.

**E você acha, assim, que se você pudesse fazer mais vezes esse tipo de passeio, é, seria um benefício pra criança?**

Seria.

**Ele traria um benefício, assim, vamos dizer assim, não que, o que é trabalhado aqui na creche não traga, mas ela conseguiria assimilar melhor, ela absorveria melhor?**

É, porque assim..., ela..., é..., porque nessa faixa etária ainda a criança não consegue abstrair muito, né..., ela atingiu ainda essa, essa fase de abstração, né, do conhecimento. Então, se ela vivencia uma coisa que é..., é muito mais fácil dela conseguir assimilar.

### **Professora 3**

#### **1) Qual sua formação acadêmica?**

Olha, eu fiz só o magistério, né. Ainda eu comecei a fazer a faculdade de pedagogia, mas eu não pude pagar, né, então eu tive que parar, eu fiz um tempo e parei, né, mas eu pretendo voltar o ano que vem.

#### **Você fez em colégio do Estado?**

Eu fiz no Prevê Objetivo. Na época eu ainda tinha condições, meus pais me ajudavam, né, que lá é caro, por isso eles me ajudavam. Quando eu entrei na faculdade, eles começaram a me ajudar, mas aí começou a apertar um pouco.

#### **Qual faculdade você fazia?**

Pedagogia no IESB Prevê.

#### **Você trancou a matrícula?**

É, mas eu pretendo voltar agora no ano que vem, né.

#### **2) Que tipo de orientação sobre educação ambiental você tem? Como ela foi adquirida?**

Não, não foi trabalhado não.

Sobre educação ambiental não foi trabalhado...

Nós tivemos projetos, muitos eu fiz, né, pelo magistério, mas não sobre educação ambiental.

Nós íamos dar palestras, nós íamos trabalhar..., a gente tinha bastante projeto, no CIPS, no..., mas nada de educação ambiental.

#### **3) Dentro do cronograma escolar adotado pela Creche, quais os conceitos ambientais são abordados? De que forma?**

Então, com o primário, né, nós temos a horta, né, então já é um grande passo.

Eu trabalho com as crianças na horta. Então lá, eles aprendem a lidar com as plantas, a semear, a ta aguando, a ta cuidando, são eles que plantam, são eles que colhem, né, e eu trabalho junto com isso é a preservação da natureza, né. Eu sempre tô conversando com eles sobre a preservação da natureza. Chega, por exemplo, uma data comemorativa, o dia da árvore, nós vamos...a gente faz um trabalho junto com isso: “ah, vamos plantar feijãozinho no potinho”, “vamos ver se a gente pode conseguir plantar uma arvorezinha aqui”, certo? É esse tipo de trabalho que eu faço com eles.

**4) Você acredita que as aulas de ciências, feitas de forma mais prática e didática, seriam melhor assimiladas pelos alunos? Por quê?**

Dentro da sala de aula eu trabalho, né, parte teórica, a gente conversa, debate, discute: “hoje, o que seria bom pro nosso meio ambiente hoje?”, “ah, professora, é bom se não teria poluição, é bom se isso..., é bom se aquilo ..., ah,então ...”. Aí nós vamos debatendo aquilo, conversando.

Mas, prático mesmo, é a horta, é o que eu trabalhado lá com eles.

**E você acha, que assim, o fato de ser mais prático, eles assimilam melhor o conteúdo?**

Assimilam, bem melhor do que o teórico, né. Porque é aquela coisa maçante que você ta passando..., eles pegam, a criança escreve, mas pra ele, aquilo lá é uma coisa maçante: “ah, tenho que escrever um monte de coisa e, agora, eu tenho que escrever isso aqui também”, é assim.

Na prática, você fazendo ali pra eles verem: “olha gente” até uma coisa bem simples, vamos pegar assim um exemplo, “vamos semear”, “vamos plantar”, né, então tem a estufa lá, tem as bandejas, tem a terra lá que é a própria, o substrato que fala, né, que dão. “Olha também isso aqui, é substrato, isso é uma semente, vamos supor, de alface, você vai ter que plantar aqui, assim, aí começa a falar, a passar pra criança qual que vai ser o desenvolvimento da plantinha, como nós vamos ter que cuidar daquela..., da estufa, então ali, eles..., “nossa tia, eu também quero fazer, deixa eu fazer ?” ... Então, é eles que querem, eles se prontificam a querer ir lá e fazer e eles tão aprendendo: “olha, tia, você viu ontem? Eu fiz isso, isso...”, falam certinho o nome da terra, o nome da planta, o que tem que fazer. Então, com certeza, assimila muito mais.

**5) Os alunos têm atualmente algum contato com a natureza? Onde? E, com que frequência?**

Tem. Nós vamos no Zoológico, né, e lá no Zoológico é muito interessante, porque eles ficam, assim admirados, porque tem criança que nunca foi.

Então, eles querem saber: “tia, qual que é o nome desse bicho mesmo?” “Olha esse animal, olha o nome que estranho!”. “Por que esse nome?”; porque que eles dão esse nome?”; aí, você explica: “olha, esse nome é um nome científico daquele bicho que você sabe qual é, que você conhece”..., “lembra que nós ...”. Então: “nossa, tia, olha esse bicho”.

Porque antes de ir pro Zoológico, a gente não vai assim: “ah, nós vamos lá no Zoológico, viu gente? Dia tal...”, acabou, né. Não é assim. Antes de ir pro Zoológico nós fazemos uma preparação, a gente conversa, nós vamos discutir e quando nós chegamos do Zoológico, né, nós damos um trabalho: “o que você gostou mais no Zoológico?”, “qual é o bicho que você achou mais interessante?“, entendeu? Pra ver o resultado, o que foi. Então, não é uma coisa assim, jogada, entendeu? Então, esse... é muito interessante.

Eu faço, tipo assim, uma redação com eles, que eles contam tudo o que eles viram, que eles gostaram, e sai cada redação, uma mais linda que a outra, né, porque eles querem contar todos os pontinhos interessantes que eles viram lá eles querem passar no papel.

**E, assim, com que frequência, assim mais ou menos, uma vez, duas vezes no ano, você acha que quanto tempo assim vocês tem conseguido fazer, assim ...?**

Aqui, a creche aqui..., é..., como é que eu posso dizer, assim?

**Pelas condições ...**

É, pelas condições, né, por ser uma creche, não é verdade? Se fosse uma escola particular, né? Cada um tem suas diferenças. É como nós aqui somos de creche, então uma vez por ano, só.

**A média tem sido essa, uma vez por ano, de passeios assim, que tenha um contato com a natureza?**

É, uma vez por ano. E também, nós vamos também no..., assim, no ar livre, assim, não tem muito a ver, mas... é interessante também.

A gente vai lá no Vitória Régia, lá tem um espaço, bom também, né, as árvores, tem vários tipos de árvores, a gente tá passando pra eles... A gente procura se informar, né, e pra eles também é muito bom. Mas, é uma vez por ano, a média...

**6) Você acredita ser possível a inserção de um programa de turismo pedagógico, voltado para a educação ambiental, dentro da grade curricular da Creche (de acordo com a faixa etária)?**

Seria possível sim.

Uma vez por semestre seria bom.

**Qual o benefício para a formação da criança?**

Ah traria, com certeza, porque se você não... tipo uma vez por ano, então é uma coisa assim... uma coisa muito vaga. Aí você dá uma continuação um pouco maior, tá, com certeza, pra eles vai ser um benefício bem grande.

**Coordenadora pedagógica**

**1) Qual a infra – estrutura atual da Creche (espaço de lazer e de aula; número de funcionários, de alunos e de professores, etc.)?**

Nós temos 69 crianças. Eram 70. Uma saiu o semestre passado.

Nós temos uma cozinheira, uma ajudante de serviços gerais, nós temos três professoras, duas recreacionistas, a coordenadora.

**E continua aquele mesmo grupo de senhoras cuidando da instituição?**

Desde que eu estou, sim, né, porque faz pouco tempo, mas acho que ta há um ano já esse pessoal cuidando da instituição.

**2) Os alunos têm atualmente algum contato com a natureza? Onde? E, com que frequência?**

Nós tivemos um passeio que foi mês passado, que foi numa chácara e aonde eles tiveram esse contato com a natureza, então, assim, a pouco tempo que eu tô aqui, nesse um mês que eu to, um passeio já foi feito.

**3) Você acredita ser possível introduzir programas de educação ambiental mais práticos (por exemplo: passeios ecológicos) no cronograma da Creche?**

Acredito.

Com certeza, eu acredito que sim.

**4) A Creche estaria aberta a realizar passeios educativos em lugares como o Zoológico Municipal, Jardim Botânico e Horto Florestal?**

Acredito.

**Qual é a importância, na sua ótica, desses passeios?**

Eu acredito muito no desenvolvimento da criança desde que ela esteja, assim, diretamente, não na teoria só.



Eu acredito muito no desenvolvimento dela na prática. Então, uma coisa é você chegar e contar o que é, outra coisa é você chegar e ela ter a oportunidade de ver, de pegar, de..., sabe assim? De ta junto, de ta participando, de tá interagido naquele..., sabe? No ambiente. Eu acredito muito nisso, então, é por isso que eu vou me esforçar muito pra ter mais desses passeios de fato.

**5) Existiria algum apoio tanto por parte do grupo que administra a Creche quanto da Prefeitura Municipal? Qual seria esse apoio?**

É difícil eu responder pra você assim diretamente dela, entendeu? Como faz pouco tempo que eu tô aqui, como eu disse, a gente ainda tá num processo muito grande de adaptação com todo mundo.

Do histórico que eu sei, esse passeio existia. Eu não sei qual era a frequência disso e, pelo pouco que eu já conversei com elas, eu creio que elas acreditam nisso também.

**Então você acredita que elas apoiariam esse tipo de passeio?**

Eu acredito que sim.

Eu acho que tudo que for é... bem vindo às crianças, o que for para o crescimento das crianças, eu creio que não vai ter problema nenhum.

Sabe, você tendo um projeto estruturado, organizado, não um passeio aleatório, de jeito nenhum. Mas tendo uma estrutura por trás disso, nós não vamos ter problema nenhum com isso.

**6) A Creche está ligada direta ou indiretamente à Prefeitura. Essa instituição abordou algum projeto a ser desenvolvido em 2005, relativo à Agenda 21? Em caso afirmativo, que atividade relacionada a “Agenda 21” é desenvolvida?**

Mais uma coisa que eu vou te responder, mas, assim, sem ter muita certeza por não estar interagido ainda com tudo isso.

Do que eu sei, da questão de verbas, essas coisas..., nós não estamos ligados diretamente com a Prefeitura. A Prefeitura nos repassa verbas que vem do Governo Federal e Governo Estadual. Então, até onde eu sei, é isto. Então, através do Governo Federal, do projeto que tem... Eu não me lembro o nome. Através do senso escolar que foi feito, através da inscrição que nós temos na... no órgão federal. Então, o órgão federal, ele nos cede ou em mantimento ou em espécie, pra sustentar Xs crianças, de acordo com o senso que foi feito em 2004, entendeu? Então isso é repassado através da Prefeitura.

Agora, qual é a ligação da Prefeitura na área educacional?

As creches atualmente, não sei como era antigamente porque tinham até as professoras que eram cedidas pela Prefeitura, agora não. Nós somos obrigados a ter um professor que... participe dessas reuniões na Prefeitura, que vai ter um convênio sim com a Secretaria da Educação, tem que ter um segmento sim com a Prefeitura, só que eu não sei te dizer agora o que seria, porque é tudo muito novo ainda, né...

ANEXO 4 – Treinamento de capacitação de pessoal do Horto Florestal

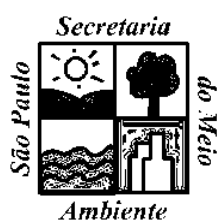
Abaixo está a capa da apostila de capacitação pessoal que foi utilizada para treinamento de vigilantes, mas seu conteúdo pode ser abordado também para professores de todas as faixas educacionais.

**SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE**  
**INSTITUTO FLORESTAL**  
**ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE BAURU**

**PROGRAMA DE USO PÚBLICO**



**TREINAMENTO PARA VIGILANTES DA E. E. BAURU**



**FEVEREIRO - 2005**